

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



ENTRE MARGENS

UMA PRODUÇÃO CRIATIVA ATRAVÉS DE UM
MARAVILHADO DOURO IMAGÉTICO

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM
PRODUÇÃO

Nuno Ricou Salgado

Lisboa, Janeiro 2014

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

ENTRE MARGENS

UMA PRODUÇÃO CRIATIVA ATRAVÉS DE UM
MARAVILHADO DOURO IMAGÉTICO

Nuno Ricou Salgado

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Produção, realizada sob a orientação científica de David Antunes, professor, co-orientação Pedro Costa, professor.

Local, Lisboa, Janeiro 2014

Resumo

Este trabalho-projecto tem por base a análise do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto “Entre Margens”.

A partir da minha leitura pessoal é feita uma reflexão os abordando aspectos da produção; a programação artística; a relação institucional entre a Procur.arte – associação cultural autora e produtora – e a Fundação Museu do Douro – entidade promotora do projecto –; a relação com as autarquias parceiras; o trabalho em rede no Douro e a abordagem inovadora que este projecto trouxe para a região.

Também é feita uma análise sobre o *modus operandi* da equipa da Procur.arte, a sua origem ligada ao universo teatral e à produção e de como esta característica influenciou positivamente o desenrolar do projecto.

“Entre Margens” foi um projecto de intervenção artística nos centros históricos de cidades da Região do Douro. Durante 3 Verões sucessivos (2011/13), foram programadas dezenas de exposições de fotografia no espaço público complementadas por espectáculos (cine-concertos, música, teatro, dança e multidisciplinares) e conferências.

Teve como objectivo principal a promoção de novas leituras sobre a criação artística contemporânea, a dinamização e utilização do espaço público a partir dos conceitos inscritos na Agenda XXI: desenvolvimento local sustentável, cooperação cultural e preservação ambiental.

Desafiou fotógrafos e artistas à produção de novas leituras sobre a região. Através dos seus olhares, simultaneamente autorais e contemporâneos, foi proposta a descoberta de um universo marcado pelo rio, pelo vinho, pela paisagem e, essencialmente, pelas suas gentes.

Teve como promotor a Fundação Museu do Douro, autoria e coordenação da Procur.arte Associação Cultural, a parceria de oito municípios (Amarante, Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Gaia e Vila Real), e foi apoiado no âmbito do QREN ON.2 - Grandes Eventos Culturais.

Em 2012, o projecto foi apresentado em Bordéus, e em 2013 em Lisboa.

Abstract

This project has its starting-point the work developed in the project “Entre Margens”.

It aims to approach the aspects of the production; the artistic program; the institutional relation between Procur.arte – cultural and social association responsible for the production of the project – and Fundação Museu do Douro – promoting entity of the project –; the relation between the project “Entre Margens” and its partner cities; the network in the Douro region and finally, the innovating approach this project brought to the region.

Also, it's made an analysis about the *modus operandi* of the Procur.arte's team, concerning particularly its tight relation with theatre and production and also in how this factors had a great positive influence on the execution and evolution of the project.

“Entre Margens” (Between river banks) was a project of artistic intervention in the historical centres of Douro region cities. During three consecutive summers (2011/13) dozens of photographic exhibits will be shown in the public space, complemented with performing art shows (cinema, music, theatre, dance and multi-disciplinary), together with related colloquiums.

The project aims to promote new ways of interpreting contemporary creative output, whilst reviving public spaces under the XXI Agenda: local sustainable development, cultural co-operation and environmental preservation.

Entre Margens encourages and challenges up-and-coming artists and photographers to take a fresh look at the region, rediscover a universe centered in the river, the wine and its people, but not singly defined by these elements.

Entre Margens was promoted by the Museu do Douro Foundation, curated and coordinated by the Cultural Association Procur.arte.

It gathers the support of eight municipalities of the Douro region – Amarante, Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Gaia and Vila Real - and it is partially financed by European project QREN ON.2 - Large Cultural Events.

Entre Margens was presented at Fête de l'Europe in Bordeaux in May 2012, and in Lisbon in March/April 2013.

RDP/III 0335

EM

**ENTRE
MARGENS**

RDP/III 0335

*“Rien ne pourra faire que je ne me sois amusé”**

Giacomo Casanova

“A curadoria é mais um gesto político do que puramente artístico”

Eder Chiodetto

*“Job done”***

Brian Griffin

**“Nada poderá impedir que eu me tenha divertido”*

***“ Trabalho feito”*



1

1 Rui Ribeiro, 24 anos, "Gabriel" é o nome do seu filho de 2 anos. Autor: Nelson D'Aires

«O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza. Socalcos que são passados de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor pintou ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis de visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta».

Miguel Torga in" Diário XII" | S. Leonardo de Galafura, 8 de Abril de 1977
(TORGA, 2011)

Índice

1 – Introdução – Resumo do projecto e enquadramento;	Pag. 11
2 – Pré-projecto: da ideia inicial à sua concretização;	Pag. 14
3 – Descrição sucinta das actividades;	Pag. 18
4 – Relação entre a Procur.arte, uma estrutura de criação e produção de natureza associativa e teatral e a Fundação Museu do Douro, de natureza pública	Pag. 54
5 – A relação com as autarquias;	Pag. 62
6 – O trabalho em rede como opção metodológica, com a integração e interacção com entidades culturais, municipais, associativas, criadores e outros agentes do território;	Pag. 70
7 – A intervenção ao nível da criatividade e da inovação num território pouco acostumado a este tipo de dinâmicas;	Pag. 75
8 – A influência da natureza da equipa na concretização do trabalho;	Pag. 83
9 – Uma leitura dos grandes números do projecto: actividades, públicos, impacto económico, trabalho em rede, questionário qualitativo;	Pag. 89
10 – Conclusão	Pag 96
11 – Bibliografia	Pag. 101
12 – Anexos	Pag. 102



2

1 – Introdução – Resumo do projecto e enquadramento

Como tema para a dissertação do meu Mestrado de Produção Teatral, optei por apresentar um projecto cultural em que estive particularmente empenhado nos últimos anos. Fruto do trabalho que tenho desenvolvido na Procur.arte, associação cultural da qual faço parte, fui o principal responsável pelo desenvolvimento do projecto “Entre Margens – O Douro em Imagens”. Entendi que era pertinente debruçar-me sobre este projecto pela sua dimensão, múltiplas abordagens a nível disciplinar e criativo, duração temporal e impacto territorial.

Desde a sua concepção, em 2005 em Lisboa, até a sua conclusão, em 2013 no Douro, desempenhei o papel de produtor, coordenador e director artístico deste projecto. Tendo em conta a extensão temporal e a diversidade de actividades realizadas, estive sempre acompanhado por diferentes colaboradores no decorrer deste processo. Em complemento das funções acima referidas, outra das minhas atribuições foi a construção e gestão de uma equipa profissional e coesa. As pessoas convidadas para integrarem esta equipa eram, maioritariamente, provenientes do meio teatral, associativo e com uma ligação à área da produção. Por várias vezes, as decisões foram sendo partilhadas por entender que projectos desta natureza e dimensão só podem ser concretizados seguindo essa filosofia de trabalho colectivo.

No universo da criatividade, cada passo é um somatório de ideias, de dinâmicas de trabalho e de esforços conjugados. O “Entre Margens” nasceu da vontade férrea de explorar, através da imagem, as fronteiras e as idiossincrasias de um território Património da Humanidade.

Tomando a fotografia como ponto de partida, o conceito desenhado pelo núcleo criativo da Procur.arte incluiu a apresentação/exposição desses olhares fotográficos, simultaneamente autorais e contemporâneos, no espaço público dos centros históricos das oito localidades que abraçaram o projecto (Amarante, Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Gaia e Vila Real) e, numa lógica de itinerância, em Bordéus e Lisboa.

A nossa opção foi trazer para as praças, para os jardins, para os monumentos e para as ruas, obras que, por norma, estão destinadas às paredes dos museus e das galerias. Quisemos partilhar, em moldes despretensiosos e inovadores, a visão dos artistas (fotógrafos convidados e emergentes) com um público anónimo e heterogéneo. Esta abordagem diferenciada e até

mesmo ousada surpreendeu as pessoas que circulavam pela rua, alheadas no seu passeio, a caminho de casa ou do trabalho. Ao “tropeçarem” nestas imagens, houve um misto de espanto e de curiosidade que despertou o desejo de conhecer melhor a região que habitam ou visitam.

Da ideia à sua implementação no terreno, houve um lapso de seis anos, que criou espaço para reflectir e maturar o projecto, quase o tempo de produzir um vinho reserva. Foi no Douro que o “Entre Margens” conseguiu encontrar os meios e os parceiros para concretizar o projecto idealizado, completando a equação criativa (ideia + meios + parceiros).

Procurámos e tivemos a sorte de encontrar uma entidade cujo “trabalho no território” fazia parte da sua génese: o Museu do Douro. Esta confluência de objectivos facilitou o acolhimento do “Entre Margens” na dinâmica das actividades desenvolvidas pelo Museu no seu território de eleição: o Douro. A Procur.arte e a Fundação Museu do Douro construíram uma candidatura para submeter ao Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN). A aprovação, ao abrigo do programa ON2 – Grandes Eventos Culturais, viabilizou a execução do projecto.

Através do Museu do Douro, o “Entre Margens” foi apresentado aos municípios da região e estabeleceram-se parcerias com diversas autarquias e entidades durienses, que possibilitaram o trabalho em rede, criação de sinergias e, conseqüentemente, que o projecto ganhasse escala.

Este projecto foi o resultado do somatório de várias aprendizagens que fui acumulando ao longo da minha vida profissional. Não houve uma fonte específica ou prioritária. Tanto recorri a informação da área da cultura como da gestão e economia. Foram vários livros, seminários, estudo de casos no terreno, participação em feiras e mercados internacionais, muitas exposições e espectáculos que serviram de inspiração. O que resultou numa acumulação de conhecimento diversificada e fragmentada. Neste sentido é difícil definir fontes e encontrar uma bibliografia coerente. Optarei por apresentar um panorama alargado dos *input's* que me influenciaram e continuam a influenciar.



3



4

3 Largo do Teatro São Carlos, Lisboa, Março 2013. Autor: Eduardo Amaro

4 Ponte pedonal da Régua, Peso da Régua, Setembro 2013. Autor: Eduardo Amaro

2 – Pré-projecto: da ideia inicial à sua concretização

Do Chiado ao Douro, cruzando o Tejo - O “percurso” de um projecto cultural

Às vezes, os projectos levam tempo a encontrar o seu caminho. Da fase da criação - a ideia original - à escrita do projecto, planificação e estruturação até à sua realização vai, muitas vezes, um grande hiato de tempo.

É comum um produtor “guardar na gaveta” vários projectos à espera de encontrar os parceiros certos, os meios operacionais e financeiros, e o momento oportuno para implementar o que foi sonhado.

Este projecto teve um percurso singular que vale a pena recordar.

Primeiro acto

Em 2004, produzi a exposição “Real:Surreal”, um projecto de arte pública realizado em Lisboa, ligando a Colina do Castelo (Alfama, Castelo e Mouraria) à Baixa (Rua Augusta e Terreiro do Paço). Este projecto foi realizado pelo Chapitô, com o apoio da EBAHL/EGEAC e a curadoria/direcção artística foi dividida entre mim, a Noelle George e a Sylvain Merot.

No “Real:Surreal”, o universo da Colina do Castelo era retratado a partir da linguagem surrealista e, depois, exposto na Baixa de Lisboa, seguindo uma lógica de transumância.

Na sequência deste projecto, surgiu a vontade de aplicar os mesmos conceitos (fotografia contemporânea + arte pública + criação de memória futura + território) em outros bairros de Lisboa, nomeadamente no Chiado.

Era um projecto *site specific* e, nesse sentido, foram elaborados estudos adaptados aos espaços característicos do Chiado, nomeadamente ao Largo do Teatro São Carlos. É neste momento que se definem os principais conceitos expositivos.

Apesar da boa recepção por parte da Câmara Municipal de Lisboa, da aprovação verbal por parte da Vereação da Cultura, do apoio oficial do Fundo de Reversão do Chiado, nunca foi possível passar do papel à realidade. O principal “inimigo” foi a grande instabilidade política

que caracterizaram os anos de governação de Pedro Santana Lopes e António Carmona Rodrigues.

Segundo acto

Esquecido o “virtual” interesse de Lisboa, o projecto despertou o interesse da Comissão Coordenadora e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Em 2006, havia um interesse estratégico em dinamizar os parques ribeirinhos da zona de Abrantes, Barquinha e Tancos. É neste contexto que surge o nome “Entre Margens”.

Nessa altura, foi efectuado o planeamento das acções a desenvolver e a estrutura metodológica do projecto. Mais uma vez, a sua concretização não foi avante, desta vez por haver outra candidatura com uma rede de contactos locais mais sustentada e, no entender dos intervenientes políticos locais, mais oportuna para a região.

Terceiro acto

A Vereadora da Cultura da Câmara de Peso da Régua recebeu um exemplar do Pisa-Papéis (Roteiro para as Artes Performativas, produzido pela Procur.arte) e, como achou interessante o projecto, partilhou essa opinião com a responsável pela comunicação do Museu do Douro.

Como o Museu tinha inaugurado recentemente a sua sede e procurava implementar uma nova dinâmica cultural na região do Douro, foi feito um convite à Procur.arte para ir ao Douro conhecer o Museu e apresentar propostas de espectáculos ou outras actividades. Havia um interesse particular na apresentação da Ópera Crioulo, um espectáculo que produzi no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, mas que se revelou de todo impossível de viabilizar por falta de condições logísticas locais.

No decorrer da nossa reunião, foi referido por diversas vezes que o Museu do Douro era um museu de território. Acto contínuo, apresento o projecto “Entre Margens”. Houve automaticamente uma feliz consonância de objectivos entre a missão do Museu e a natureza de um projecto que, desde sempre, quisemos concretizar.

A partir deste momento, foi “apenas” necessário convencer a Direcção do Museu do Douro, as câmaras parceiras da região e o júri do QREN.

Este projecto teve um percurso longo e um pouco atribulado, mas com persistência, profissionalismo e um pouco de sorte foi concretizado com sucesso. Entre a fase de conceptualização em Lisboa e a sua produção, no Douro, decorreram 5 anos. Por vezes os primeiros interlocutores que encontramos para realizar os nossos projectos não são os mais indicados portanto é preciso não desistir e continuar a procurar.



5



6

5 Cais da Régua, Peso da Régua, Setembro 2011. Autor: João Pedro Marnoto

6 Ensaio dos Soaked Lamb, Praça D. Luís I, Porto, Agosto 2012. Autor: Eduardo Amaro

3 – Descrição das actividades

O “Entre Margens” interveio na região do Douro em duas grandes áreas artísticas: artes visuais e artes performativas.

“Entre Margens” foi um projecto de intervenção artística nos centros históricos de cidades da região do Douro. Durante três verões sucessivos (2011/13), foram programadas dezenas de exposições de fotografia no espaço público, complementadas por espectáculos de artes performativas (cine-concertos, música, teatro, dança e multidisciplinares) e por debates/colóquios.

Teve como objectivos principais a promoção de novas leituras sobre a criação artística contemporânea e a dinamização e utilização do espaço público a partir dos conceitos inscritos na Agenda XXI: desenvolvimento local sustentável, cooperação cultural e preservação ambiental.

“Entre Margens” desafiou fotógrafos e artistas a produzir novas leituras sobre a região. Através dos seus olhares, simultaneamente autorais e contemporâneos, é proposta a descoberta de um universo marcado pelo rio, pelo vinho, pela paisagem e, essencialmente, pelas suas gentes.

Eder Chiodetto traz-nos uma interessante e poética definição do papel do curador na construção de uma exposição, na sua relação com os artistas e na intermediação com os públicos:

“É como segurar um pássaro sabendo que pesar a mão pode matá-lo e que afrouxá-la demais pode deixá-lo escapar. Após esta experiência mútua, é preciso que o pássaro voe firme e livre pelo espaço sem limites. Se nesta metáfora o pássaro é o espectador, e a mão que o retém suavemente por instantes é a obra do artista, certamente o espaço infinito, sem limites, no qual o pássaro voa é a arte, e o voo, a possibilidade da transcendência.” (CHIODETTO, 2013)

Quisemos partilhar com as gentes do Douro esta “possibilidade de transcendência”.

O projecto empenhou-se na criação de públicos no território, assim como na implementação de novos hábitos culturais numa região que, em consequência da sua localização geográfica, tem

um acesso mais dificultado à criação contemporânea. Esforçamo-nos por trazer projectos inovadores para locais onde eles raramente foram vistos, considerando e respeitando sempre os públicos locais, mas “esticando um pouco a corda” da contemporaneidade, sem chegar ao momento de ruptura com a própria identidade. Daí que tivéssemos que ajustar a programação às especificidades de cada uma das cidades envolvidas no projecto, já que tanto trabalhámos com um universo de 7 mil pessoas [na vila de Santa Marta de Penaguião] como de 250 mil [no Porto].

Este projecto estimulou o turismo cultural do Douro, desenvolvendo actividades vocacionadas para todos os públicos. No fundo, colaborámos na produção de conteúdos contemporâneos que marcaram o conhecimento e a fruição de quem habitava ou visitava esta região Património da Humanidade.

Para complementar esta acção local, realizámos duas itinerâncias fora da região: em 2012 fomos a Bordéus, França e em 2013, a Lisboa.

Em simultâneo e de modo transversal, quisemos criar valor para a região, investindo na formação. É que não bastam acções pontuais, é preciso fazer o artista deter-se no território para que o conheça e se deixe cativar pelos seus encantos, costumes e valores.

Artes Visuais / Fotografia / Arte Pública

Como já foi referido, a principal componente do projecto foi a fotografia. Convidámos fotógrafos a criar um novo arquivo de imagem sobre o Douro. Os trabalhos produzidos foram expostos nos centros históricos das oito cidades parceiras. Sendo este um projecto de arte pública e *site specific*, cada exposição foi adaptada à cidade e ao local, fosse ele uma praça, uma ponte, um jardim, etc.

As exposições tinham uma clara vertente cenográfica e teatral que, no meu entender, fez a diferença em relação a outras propostas expositivas. A forma como criámos uma zona cénica e convidámos o público a subir ao “palco” foi, sem dúvida nenhuma, um motivo de diferenciação. A componente da iluminação das exposições, criando também um ambiente de espectáculo, contribuiu para o efeito positivo junto do público. A luz permitiu que as exposições ganhassem

uma nova vida durante a noite, dando um dinamismo adicional aos espaços onde estavam instaladas.

A última das 34 exposições teve uma carga simbólica a assinalar. Foi montada na ponte pedonal que liga o Peso da Régua a Lamego e atravessa o Douro, unindo as duas margens. Tratou-se de uma mostra retrospectiva que revisitou os 43 fotógrafos que, ao longo desses três anos, apresentaram a sua interpretação fotográfica do território e das gentes durienses. Foram expostas 200 fotografias, ocupando os 300 metros de extensão da ponte.

Cada exposição do “Entre Margens” desconstruiu a relação entre o público e a obra exposta, proporcionando aos visitantes essa oportunidade (des)comprometida de “passear” pelo território e pelo olhar de cada criador.

O Douro forneceu a inspiração e os conteúdos para os fotógrafos que colaboraram connosco. Trabalhámos num Douro “alargado”, pois a nossa área de intervenção começava na foz (Porto e Vila Nova de Gaia), passava pelo sopé do Marão (Amarante), descia a serra em direcção ao “coração” do Douro (Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião e Lamego) e subia para Trás-os-Montes (Vila Real e Mirandela). A única restrição que os fotógrafos tinham era a obrigatoriedade de trabalhar nestas oito cidades parceiras. Foram produzidas 600 novas fotografias que, actualmente, fazem parte do arquivo da Fundação Museu do Douro.

O Douro é um território de uma inexcelsível beleza natural, com uma identidade simultaneamente marcante e fragmentada, uma região com vários “pontos de vista” e extremamente fotogénica.

Desde sempre, esta região foi uma fonte de inspiração para fotógrafos e cineastas, que ajudaram a construir uma imagética muito vincada. Ao estudar o património fotográfico produzido na região, deparámo-nos com um trabalho sistemático, depurado e de grande valor estético.

Nos primórdios do século passado, a existência de várias associações e clubes de fotógrafos na região do Porto potenciou a dinâmica criativa na região Norte. Em paralelo, as encomendas feitas pelas caves de Vinho do Porto e pelos institutos vinícolas permitiram sustentar esse fluxo criativo.

Através do “Entre Margens”, criadores contemporâneos foram convidados a produzir uma nova leitura sobre esta região tão inspiradora e marcante. O desafio passava por trazer um olhar diferente e mais fresco para um Douro já um pouco saturado de imagens que começam a ser chavão.

As objectivas dos fotógrafos captaram novos ângulos, deram outra profundidade de campo, focaram detalhes que escapam ao olhar mais incauto, descobriram perspectivas mais arrojadas. Contudo, é interessante perceber que, tanto antes como agora, os olhares que se lançam sobre o Douro são marcados pelo rio, pelo vinho, pelos caminhos-de-ferro ou pelas estradas e, sobretudo, pelas suas gentes.

Os fotógrafos foram divididos em três grandes grupos: Convidados, Emergentes e a Memória.

Os Convidados eram fotógrafos com um percurso já estabelecido. Estes criadores eram maioritariamente externos à região, que têm uma visão menos formatada e mais inovadora, o que acaba por enriquecer o portefólio artístico da região.

Quanto aos fotógrafos Emergentes, optámos por trabalhar sobretudo com os residentes na região para conseguir um “olhar de dentro”.

A grande aposta da última edição do “Entre Margens” foi convidar fotógrafos internacionais (Brian Griffin, Chloe Dewe Mathews e Gil Sabin) capazes de reforçar a identidade visual contemporânea do Douro. São fotógrafos de renome que trazem uma visão menos contaminada pelo território e que, posteriormente, acabam por levá-la para fora de portas.

Ao todo, convidámos 12 fotógrafos a descobrirem o Douro. Todos estes fotógrafos foram seleccionados por mim, enquanto curador, e as temáticas que cada um trabalhou foram previamente discutidas comigo. Devo dizer que não tive grandes surpresas, pois conhecia bem o trabalho de cada um e sabia o que poderia esperar.

Fotógrafos convidados:

António Pedrosa (PT) – “Água Dura”: Relação do homem com o rio/água;

Brian Griffin (UK) – “An Anti-Rationalist sensibility”: Retratos com uma forte sensibilidade anti-racionalista de pessoas do Douro;

Céu Guarda (PT) – “Na Vida Real”: O universo dos alunos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real;

Chloe Dewe Mathews (UK) – “Summoning the Caretos”: Retratos dos Caretos de Lazarim;

Daniel Blaufuks (PT) – “Na Adega”: As adegas do Douro, a relação entre o vinho e o seu espaço, a sua própria memória;

Gil Sabin (BR) – “Via Sacris”: A tradição, a religiosidade, o sagrado e o profano durante a Semana Santa no Douro;

Inês d'Orey (PT) – “Douro Industrial”: O Douro visto por dentro, uma viagem pelos espaços interiores das indústrias alimentares e vinícolas da região;

João Pedro Marnoto (PT) – “Nove Meses de Inverno e Três de Inferno”: Representação visual do território assente em três vértices: a relação do Homem com a Terra, a Fé e o Desenvolvimento. OBS: este trabalho já estava em desenvolvimento antes de ser exposto no “Entre Margens”;

Luísa Ferreira (PT) – “Territórios do Prazer”: Retrato do Douro monumental, uma obra construída pelo Homem maravilhado;

Nelson d'Aires (PT) – “Pedras”: A relação do Homem com o meio ambiente do Douro, as suas montanhas, rios, vinhas, socalcos e pedras;

Pauliana Valente Pimentel (PT) – “Ferreirinha”: Retratos das mulheres que fazem o Douro, trabalhadoras rurais, enólogas, donas de quintas, ferreirinhas;

Paulo Catrica (PT) – “Vistas do Alto Douro & o Guia de Portugal 2012”: Fotografias que descrevem os lugares como paisagens, vistas de longe ou de perto, pela arquitectura e os objectos.

Os fotógrafos Emergentes foram seleccionados de duas formas diferentes. No primeiro ano, foi realizado um concurso na região. O resultado estético deste concurso não foi satisfatório, pois denotava-se alguma fragilidade no tecido criativo da região. Nesse sentido, com o objectivo de contribuir para a formação dos agentes locais, decidimos realizar uma Masterclass em 2012-

13. Convidámos o colectivo fotográfico [Kameraphoto] para assumir a formação dos fotógrafos seleccionados. Durante um mês e meio, os 13 fotógrafos seleccionados desenvolveram os seus trabalhos sob a direcção pedagógica dos fotógrafos da [Kameraphoto]. O nível dos trabalhos apresentados aumentou consideravelmente. Para além da formação que receberam, foi importante para estes jovens fotógrafos ver os seus trabalhos expostos, em pé de igualdade, com fotógrafos já consagrados.

Fotógrafos emergentes:

Concurso de 2011: Ana Costa, Armindo Dias, Marcos Oliveira, Miguel Schreck, Rita Almendra, Vera Lúcia Carmo.

Masterclass de 2012: Alexandre Sampaio, Eduardo Santos, Hugo Maia, Joana Castelo, João Lopes Cardoso, José Ferreira, Luís Filipe Santiago, Marcos Oliveira, Miguel Vasconcelos, Nuno Brito, Ricardo Raminhos, Rui Manuel Fonseca, Vasco Rafael.

Masterclass de 2013: Attilio Fiumarella, Dato Daraselía, Hermano Noronha, Hugo Moura, Inês Nogueira Mesquita, Inês Viseu, João Freitas, João Malaquias, José Pedro Tomaz, Luís Montanha, Miguel Sobral Cardoso, Rebeca Bonjour, Sérgio Rolando.

Programação Cultural

Sempre considerámos que a componente expositiva deveria ser complementada por uma programação multidisciplinar, sobretudo ligada às artes performativas. Daí que tenhamos realizado em todas as cidades parceiras concertos, cine-concertos, espectáculos de teatro, dança, novo circo, conferências, eventos gastronómicos e vínicos.

Tendo em conta que trabalhávamos com perfis urbanos muito diferentes, optámos por adaptar as propostas de programação às características socioculturais e aos equipamentos culturais de cada cidade. Como a duração da programação era muito alargada (5 a 6 meses) e a maioria das actividades ocorria ao ar livre, as condições meteorológicas eram sempre um factor a ter em conta.

Este projecto tinha três *leitmotiv* que, muitas vezes, ajudaram na definição dos espectáculos a programar: o Rio/Água, o Vinho e a Imagem. A programação das actividades era eclética, quer

a nível do tipo de espectáculos, quer a nível estético. Tivemos a preocupação expressa de trazer ao Douro propostas mais contemporâneas, nacionais e internacionais, sem ferir as sensibilidades locais.

Os espetáculos do projecto Omiri, que misturavam imagens captadas pelo videasta Tiago Pereira com a música de Vasco Casais, ou os cine-concertos do Norberto Lobo/Tigrala são disso exemplo. O concerto da Orquestra Nova Iorque Al-Madar e o espectáculo “Arraial Deluxe”, dos Circolando, em Santa Marta de Penaguião são uma mostra desta vontade de trazer projectos de relevo internacional ao interior, assim como o espectáculo de dança e multimédia “Scattered”, da companhia inglesa Motionhouse, que marcou o encerramento do primeiro ano do projecto em Vila Real.

Em todas as cidades, as inaugurações das exposições eram marcadas por um concerto, preferencialmente junto do local das exposições. Tendo em conta a dispersão territorial das cidades onde trabalhávamos, havia uma tentativa de concentrar temporalmente a programação.

Promovemos uma relação de proximidade e de integração entre artistas de referência e jovens criadores que estavam no território. A título de exemplo, o grupo PAUS tocou, em conjunto, com os bombos de Santiago de Mirandela ou o espectáculo de grupo Drumming que incluiu a participação dos alunos do Conservatório de Vila Real.

Na 3ª edição, criámos um espectáculo de raiz - “Sons do Douro” - com a direcção artística do músico Hugo Menezes. Este projecto envolveu vários percussionistas da região que receberam formação. Construámos uma “orquestra” de percussão com pipas de vinho transformadas em tambores e, ainda, envolvemos grupos de bombos tradicionais do Douro, que tocaram em conjunto com o “Sons do Douro”. Este espectáculo envolveu mais de 100 pessoas da região. O “Sons do Douro” integrou várias componentes essenciais a este projecto: a mistura do tradicional (bombos) com a inovação (a transformação das pipas de vinho em tambores), a formação dos criadores da região (cerca de 50 formandos), o trabalho em rede (trabalhámos com cinco grupos de bombos), a itinerância pelo território (o “Sons do Douro” foi apresentado no Porto, em Lamego e no Peso da Régua), a utilização de um objecto típico da região como elemento artístico (as pipas de vinho) e, por último, mas não menos simbólico, o rio Douro

como cenário (o último espectáculo foi realizado na ponte de Peso da Régua com o público e os músicos sobre o rio).

Realizámos um trabalho de rede dentro do próprio território: convidámos a Orquestra da ESPROARTE de Mirandela a inaugurar a exposição em Peso da Régua, fizemos um concerto itinerante pelas ruas do Porto com o grupo de gaitas mirandesas Las Çarandas, apresentámos o espectáculo “Arraial Deluxe”, dos Circolando, em Santa Marta de Penaguião.

Fomos, ainda, ao encontro dos mais jovens, procurando sensibilizá-los para o universo da fotografia, através da realização de vários workshops em escolas secundárias da região.

Considerámos pertinente convidar outros criadores que também trabalham nestas áreas para, em conjunto, refletirmos sobre os grandes temas que marcaram o “Entre Margens”: “Arte no Espaço Público”; “Dia Mundial da Fotografia” e “Território e Imagem”. Responsáveis de importantes projectos mundiais e *opinion makers* de referência participaram no ciclo de conferências internacionais que organizamos, partilharam as suas experiências profissionais e ainda ficaram a conhecer o Douro. Entre outros, tivemos representantes de festivais, museus, bibliotecas, fundações, galerias, agências de fotografia, fotógrafos de Portugal, Brasil, Estados Unidos da América, Polónia, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Espanha, Escócia e Finlândia.

Realizámos três documentários sobre o “Entre Margens”, exibidos na RTP 2 durante o mês de Setembro. Realizados por Eduardo Amaro, os documentários possibilitaram a partilha por parte dos fotógrafos da sua visão sobre a região e sobre o seu trabalho.

Para concluir o projecto, foi editado um livro/catálogo. Nesta publicação, pudemos condensar o resultado de todos os trabalhos produzidos pelos fotógrafos que participaram no “Entre Margens” num total de 600 fotografias. Este livro integra ainda um resumo das mais de cem actividades realizadas no Douro, no âmbito do projecto.

O projecto “Entre Margens” foi acompanhado por uma equipa de comunicação que trabalhou a nível local, regional, nacional e internacional.

Tínhamos definido diferentes momentos de reforço da comunicação, nomeadamente as aberturas e os encerramentos de cada edição, as inaugurações das exposições e outros momentos-chave da programação, como por exemplo os Encontros Internacionais ou o Dia

Mundial da Fotografia no Porto.

Esta equipa trabalhava a nível dos órgãos de comunicação social, das redes sociais (Facebook, SoundCloud, YouTube), do *website*, da activação de redes locais no Douro, dos materiais de comunicação impressos, do catálogo/livro, da produção de vídeos para divulgação on-line e através dos canais televisivos. Este trabalho está desenvolvido no documento, em anexo, sobre a comunicação.



7



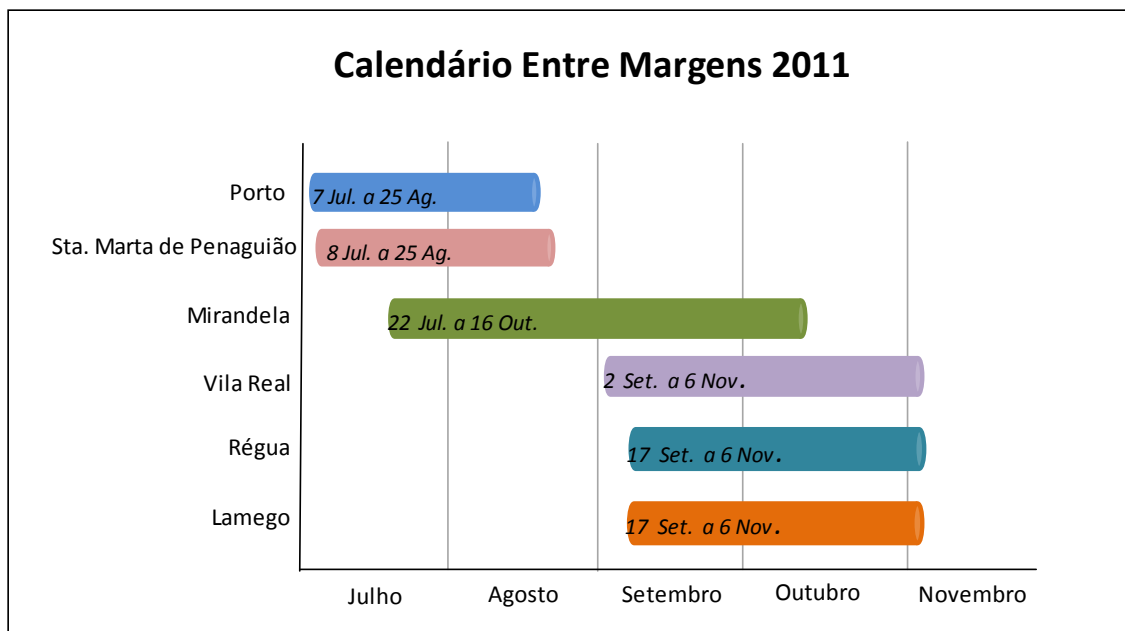
8

7 Cais da Régua, Peso da Régua, Setembro 2011. Autor: João Pedro Marnoto

8 Ensaio dos Soaked Lamb, Praça D. Luís I, Porto, Agosto 2012. Autor: Eduardo Amaro

Descrição cronológica das actividades

2011



A 1ª edição do “Entre Margens” aconteceu em 2011.

Uma vez aprovado o financiamento através QREN, era chegado o momento de mostrar no terreno o que tínhamos pensado no escritório.

Como houve um atraso considerável na aprovação final por parte do Museu do Douro, tivemos que começar, em simultâneo, todas as acções preparatórias: convites aos fotógrafos, construção dos suportes expositivos, programação cultural e instalação da equipa em Peso da Régua e do escritório no Museu do Douro.

Ao longo de cinco meses, entre Julho e Novembro de 2011, foram levadas a cabo exposições fotográficas no espaço público das seis cidades parceiras do projecto (Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião e Vila Real).

Neste primeiro ano, optei por convidar apenas fotógrafas para participar no projecto. Na minha opinião, o Douro tem um lado muito feminino. Trata-se de uma região de forte emigração - os homens partem, mas as mulheres ficam em casa com os filhos, há muitas mulheres da nova geração que trabalham no universo do vinho, como enólogas ou desempenhando outras

funções de relevo e, por coincidência, comemorava-se o bicentenário do nascimento da Ferreirinha, a mulher que moldou o Douro e transformou o Vinho do Porto no produto que nós conhecemos.

Em cada cidade, foram montados dois núcleos expositivos, perfazendo um total de 12 conjuntos de exposições.

Para seleccionar os fotógrafos emergentes, realizámos um concurso direccionado aos fotógrafos da região. Fizemos uma pesquisa nos arquivos do Centro Português de Fotografia e do Museu do Som e da Imagem de Vila Real para seleccionar as fotografias que iriam integrar o núcleo da Memória.

As exposições fotográficas tiveram três temas:

"Um Douro no feminino" - trabalho de quatro fotógrafas profissionais - Céu Guarda, Inês D'Orey, Luísa Ferreira e Pauliana Valente Pimentel - que retrataram a sua visão pessoal e feminina do Douro;

"Imagens Emergentes" - trabalho de seis fotógrafos - Ana Costa, Armindo Dias, Marcos Oliveira, Miguel Schreck, Rita Almendra, Vera Carmo;

"A Memória" - fotografias de arquivo da "Casa Alvão" do "Fundo de Colecção Fotografia Alvão" do Centro Português de Fotografia e da "Central Biel" de Emil Biel.

Em paralelo, realizaram-se 23 espectáculos, de distintas áreas artísticas, num total de 37 apresentações:

Animações de rua	9
Espectáculos infantis	8
Concertos	6
Cine-concertos	5
Espectáculos de teatro	4
Multidisciplinares	3
Espectáculos de dança	2

Programação apresentada em cada cidade, exposições e actividades complementares.

PORTO

Exposição

Local: Av. dos Aliados Praça dos Leões	Fotógrafos	
Data: 7 de Jul a 25 de Ago	Pauliana Valente Pimentel (PT)	“Ferreirinha”
	Inês d’Orey (PT)	“Douro Industrial”
	Céu Guarda (PT)	“Na Vida Real”
	Luísa Ferreira (PT)	“Territórios do Prazer”
	Ana Costa (PT)	Sem título
	Armindo Dias (PT)	Sem título
	Marcos Oliveira (PT)	Sem título
	Miguel Schreck (PT)	Sem título
	Rita Almendra (PT)	Sem título
	Vera Lúcia Carmo (PT)	“Adega do Vallado e Vale Abraão”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Always Drinking Marching Band (ESP)	Concerto Itinerante
Carlos Barretto Lokomotiv (PT)	Concerto
O Feitio do Flamingo (PT)	Infantil
Projecto Arruinado (PT)	Instalação
“Tabu” com música de Tigrala (PT)	Cine-concerto

SANTA MARTA DE PENAGUIÃO

Exposição

Local: Pelourinho Al. 13 de Janeiro	Fotógrafos	
Data: 8 de Jul a 28 de Ago	Céu Guarda	“Na Vida Real”
	Marcos Oliveira	Sem Título MO
	Domingos Alvão	“Fundo de Colecção Fotografia Alvão”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Always Drinking Marching Band (ESP)	Concerto itinerante
	Baile dos Candeeiros (PT)	Teatro/Dança
	O Feitio do Flamingo (PT)	Dança/infantil
	“Tabu” com música de Tigrala/Norberto Lobo (PT)	Cine-concerto
	Baile Vadio (PT)	Baile

MIRANDELA

Exposição

Local: Parque do Império R. D. Manuel I	Fotógrafos	
Data: 22 de Jul a 9 de Out	Inês d’Orey	“Douro Industrial”
	Armindo Dias	Sem título AD
	Domingos Alvão	“Fundo de Colecção Fotografia Alvão”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Bizu Walking Band (PT)	Concerto itinerante
	Cello Solo – Mathieu Saglio (ESP/FR)	Concerto
	PAUS (PT)	Concerto
	Tumbala	Concerto itinerante
	“Metropolis”, Realizador Fritz Lang, Música Luís Conceição (PT)	Cine-concerto

VILA REAL

Exposição

Local: Teatro de Vila Real Av. Carvalho Araújo	Fotógrafos	
Data: 2 de Set a 6 de Nov	Pauliana Valente Pimentel	“Ferrerinha”
	Vera Lúcia Carmo	“Adega do Vallado e Vale Abraão”
	Ana Costa	Sem Título
	Armindo Dias	Sem título
	Marcos Oliveira	Sem Título
	Miguel Schreck	Sem Título
	Rita Almendra	Sem Título
	Emílio Biel	“Central de Biel”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Tumbala (PT)	Concerto itinerante
“Tabu”, Realização F.W. Murnau –Música Tigrala/Norberto Lobo (Cine –Concerto
Biblioteca Extravagante (PT)	Teatro Infantil
Scattered (UK)	Dança / Multimédia

PESO DA RÉGUA

Exposição

Local: Cais da Régua R. dos Camilos	Fotógrafos	
Data: 17 de Set a 6 de Nov	Pauliana Valente Pimentel	“Ferreirinha”
	Rita Almendra	Sem Título
	Domingos Alvão	“Fundo de Colecção Fotografia Alvão”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Fanfare Electricque (FR)	Concerto itinerante
Poesia à la Carte (PT)	Recital de Poesia
História de uem perde a sombra	Teatro
Anonima Nuvolari (PT)	Concerto
JP Simões (PT)	Concerto
A Loja das Lamparinas (PT)	Teatro
“Metropolis”, Realizador Fritz Lang, Música Luís Conceição	Cine –Concerto

LAMEGO

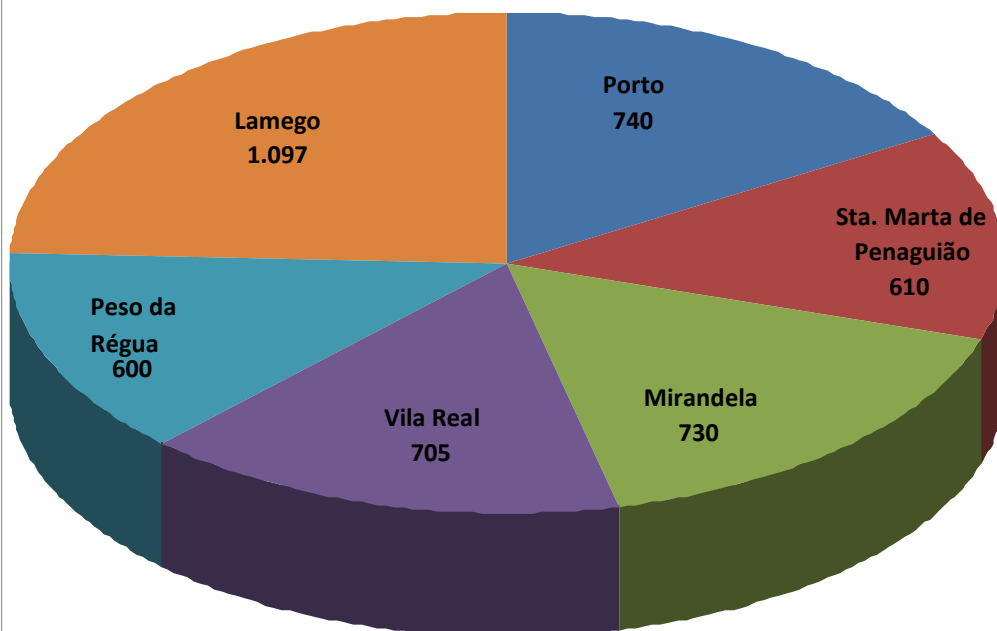
Exposição

Local: Largo da Sé Av. Dr. Alfredo Sousa	Fotógrafos	
Data: 17 de Set a 8 de Nov	Luísa Ferreira	“Territórios do Prazer”
	Ana Costa	Sem Título
	Domingos Alvão	“Fundo de Colecção Fotografia Alvão”

Programação cultural

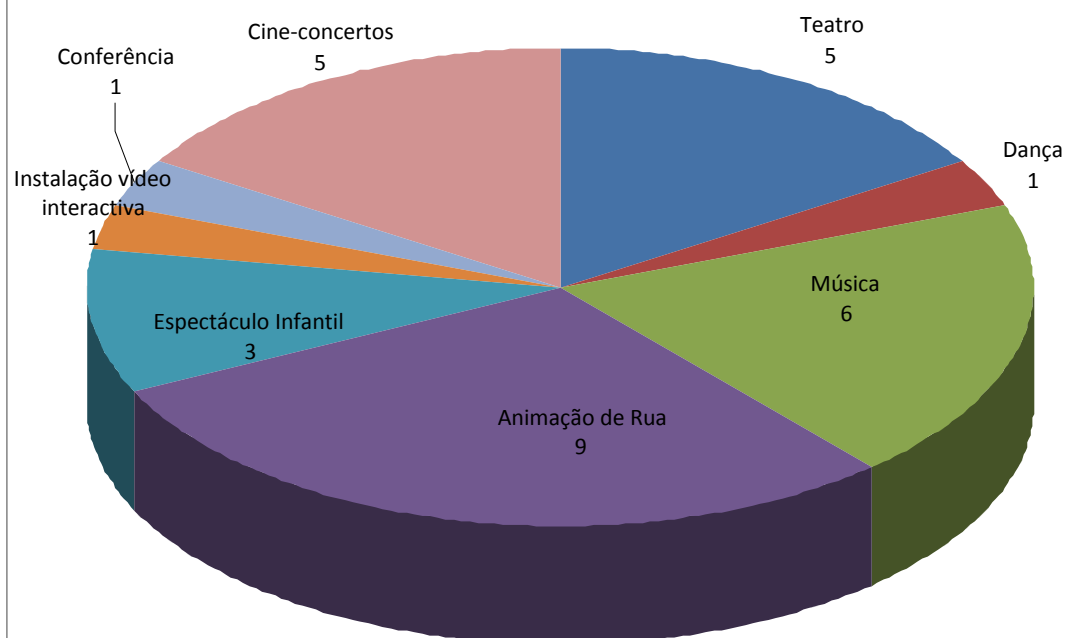
Actividade	Tipo
Fanfare Electrique (FR)	Concerto itinerante
TGB (PT)	Concerto
Mário Moutinho – Cenas de Histórias (PT)	Conversas teatrais
Daqui vê-se melhor (PT)	Infantil / Multimédia

Público dos Espectáculos

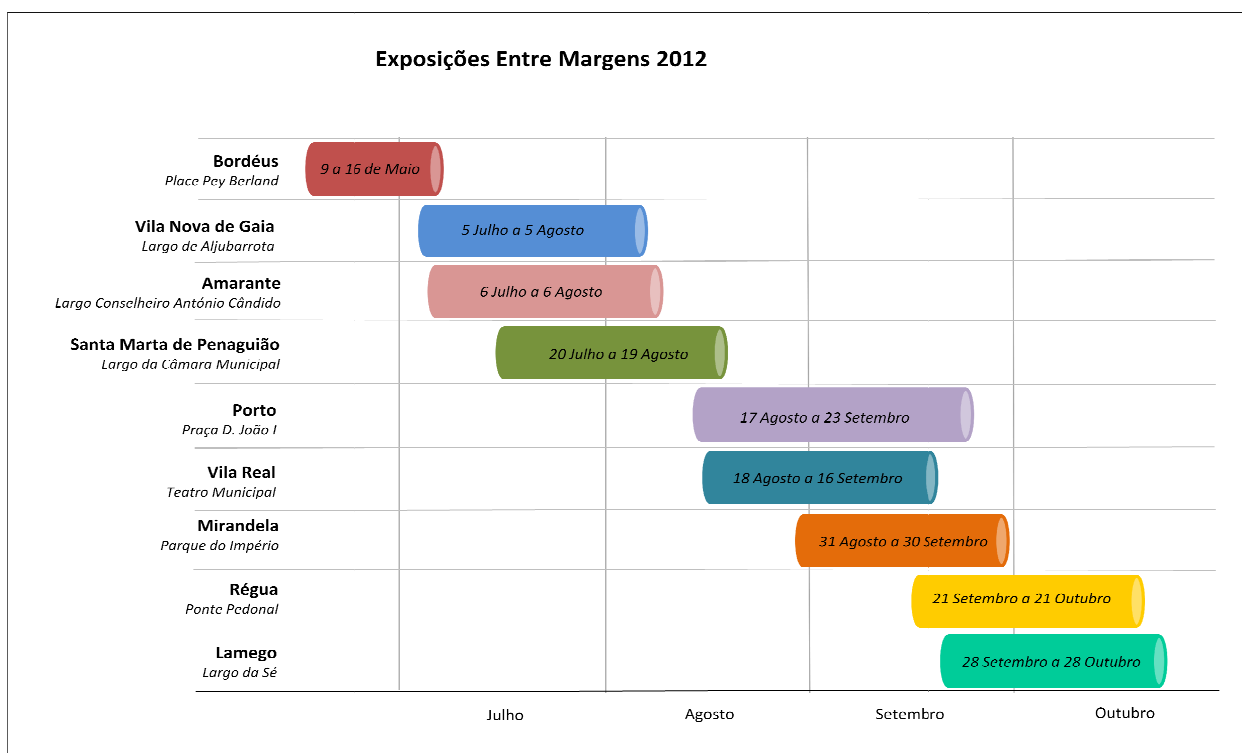


TOTAL: 4.482 Fonte:Procur.arte (estimativa)

Variedade de espectáculos



Fonte:Procur.arte



No segundo ano do projecto, optámos por manter a mesma estrutura de trabalho da 1ª edição. Conseguimos introduzir algumas melhorias operacionais ao nível da programação, por termos um melhor conhecimento do terreno e das dinâmicas locais.

É de destacar a adesão de mais duas câmaras da região: Amarante, que está no sopé do Marão e que tem uma importante dinâmica cultural, e Vila Nova de Gaia, que tem uma ligação umbilical com o Douro através das suas caves, armazéns e empresas do sector.

Conseguimos, ainda, que exposição fosse apresentada, em Maio, em Bordéus, no âmbito da “Fête de l’Europe”. A exposição foi montada na principal praça da cidade (Place Pey Berland), em frente à Câmara Municipal. Teve o apoio directo do *Maire* Alain Juppé, da Embaixada de Portugal em Paris e do Instituto Camões. Esta itinerância teve muita importância para o projecto pela ligação que a região de vinhos de Bordéus tem com a região do Vinho do Porto e por constituir um relevante momento de promoção cultural a nível internacional.

Ao longo de quatro meses, entre Julho e Outubro de 2012, foram apresentadas exposições fotográficas no espaço público das oito cidades parceiras do projecto: Amarante, Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Gaia e Vila Real.

Convidámos três fotógrafos para trabalharem connosco: Paulo Catrica, Nelson D'Aires e João Pedro Marnoto. Este último fotógrafo tinha colaborado connosco durante o primeiro ano, enquanto responsável pela cobertura fotográfica do “Entre Margens”. Como ele tinha desenvolvido recentemente um trabalho de muita qualidade sobre a região, achei pertinente convidá-lo a participar na exposição enquanto criador e numa apresentação multimédia do seu trabalho.

Neste ano, convidámos o colectivo fotográfico [Kameraphoto] para ministrar uma Masterclass para os fotógrafos da região. A exposição dos fotógrafos Emergentes foi baseada nos trabalhos realizados durante essa Masterclass.

As exposições fotográficas foram organizadas em três categorias:

Fotógrafos convidados – João Pedro Marnoto, Inês D'Orey, Luísa Ferreira, Nelson d'Aires, Pauliana Valente Pimentel e Paulo Catrica;

Imagens Emergentes – Alexandre Sampaio, Eduardo Santos, Hugo Maia, Joana Castelo, João Lopes Cardoso, José Ferreira, Luís Filipe Santiago, Marcos Oliveira, Miguel Vasconcelos, Nuno Brito, Ricardo Raminhos, Rui Manuel Fonseca, Vasco Rafael;

A Memória - revisita as origens do imaginário fotográfico do Douro e apresenta obras de alguns dos seus mais reputados fotógrafos do século passado, nomeadamente Domingos Alvão, Emil Biel, F. Anthero Seabra. Esta recolha teve o apoio do Centro Português de Fotografia e do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto.

Em paralelo, realizaram-se 26 actividades distintas:

Concertos de música	10
Animações de rua	6
Espectáculos infantis	3
Conferências	3
Acções de formação	2
Projecções de cinema	2

Programação apresentada em cada cidade, exposições e actividades complementares.

BORDÉUS*

Exposição

Local: Place Pey Berland	Fotógrafos	
Data: 9 a 16 de Maio	Céu Guarda (PT)	“Na Vida Real “
	Inês D’Orey (PT)	“Douro Industrial”
	Luísa Ferreira (PT)	“Territórios do Prazer”
	Pauliana Valente Pimentel (PT)	“Ferreirinha”

*Exposição síntese – compilação do trabalho das quatro fotógrafas convidadas para a edição de 2011 e fotos de Arquivo.

VILA NOVA DE GAIA

Exposição

Local: Largo Aljubarrota	Fotógrafos	
Data: 5 de Jul a 5 de Ago	Pauliana Valente Pimentel (PT)	“Ferreirinha”
	Miguel Vasconcelos (PT)	“A olhar para o interior”
	José Ferreira (PT)	“Caixotaria Mecânica de Herdeiros de António da Silva Martins”
	Domingos Alvão (PT)	“Fundo de Colecção Fotografia Alvão”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Omiri (PT)	Espectáculo multimédia

AMARANTE

Exposição

Local: Largo do Arquinho	Fotógrafos	
Data: 6 de Jul a 6 de Ago	Inês d’Orey (PT)	“Douro Industrial”
	Domingos Alvão (PT)	“Fundo de Colecção de Domingos Alvão”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Banda às Riscas (PT)	Concerto itinerante

SANTA MARTA DE PENAGUIÃO

Exposição

Local: Largo da Câmara	Fotógrafos	
Data: 20 de Jul a 19 de Ago	Luísa Ferreira (PT)	“Territórios do Prazer”
	Nelson D’Aires (PT)	“Pedras”
	Eduardo Santos (PT)	“Olhares D’Ouro”
	Hugo Maia (PT)	“Douro 4 por 4”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Karrossel (PT)	Concerto
	Tosta mista, o malabarista (DE)	Novo circo
	Al madar (New York Arabic Orchestra) (USA)	Concerto

PORTO

Exposição

Local: Praça D. João I	Fotógrafos	
Data: 17 de Ago a 16 de Set	Paulo Catrica (PT)	“Vistas do Alto Douro & Guia de Portugal 2012”
	Alexandre Sampaio (PT)	“Azul”
	Joana Castelo (PT)	“Porto Capítulo I”
	Domingos Alvão, Emil Biel, F. Anthero Seabra	“A Memória”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	The Soaked Lamb (PT)	Concerto
	Las Çarandas (PT)	Concerto itinerante
	Dia Mundial da Fotografia - Conferência com Brutus Östling (NOR)	Conferência

VILA REAL

Exposição

Local: Teatro Vila Real	Fotógrafos	
Data: 18 de Ago a 16 de Set	Nelson D'Aires (PT)	"Pedras"
	Vasco Rafael (PT)	"Ouro do Douro" – Taberna Baca Belha, desde 1900"
	Marcos Oliveira (PT)	"À Margem"
	Domingos Alvão, Emil Biel, F. Anthero Seabra	"A Memória"

Programação cultural

Actividade	Tipo
Toques do Caramulo (PT)	Concerto
Drumming (PT/ES), com os alunos do Conservatório de Música de Vila Real	Concerto
Gota A Gota (PT)	Teatro Infantil

MIRANDELA

Exposição

Local: Parque do Império	Fotógrafos	
Data: 31 de Ago a 30 de Set	João Pedro Marnoto (PT)	"Nove Meses de Inverno e três de Inferno"
	Luís Filipe Santiago (PT)	"Os comboios passaram por aqui..."
	João Lopes Cardoso (PT)	"Las stórias de l praino" / "As estórias do planalto"

Programação cultural

Actividade	Tipo
Banda Às Riscas (PT)	Concerto itinerante
Atelier Pinhole IPF (PT)	Workshop
Nove Meses de Inverno e três de Inferno (PT)	Projecção multimédia

PESO DA RÉGUA

Exposição

Local: Ponte Pedonal	Fotógrafos	
Data: 21 de Set a 21 de Out	Nelson D'Aires (PT)	"Pedras"
	Nuno Brito (PT)	"As pontes do Douro"
	Rui Manuel Fonseca (PT)	"Escola Profissional de Desenvolvimento Rural do Rodo – Régua"
	Domingos Alvão, Emil Biel, F. Anthero Seabra	"A Memória"

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Brass Band Esproarte (PT)	Concerto
	Banda Às Riscas (PT)	Concerto itinerante
	Ensemble de Saxofones – Orquestra Metropolitana de Lisboa (PT)	Concerto
	Gigantes Pela Própria Natureza (BR)	Espectáculo de Música e Circo
	Las Çarandas (PT)	Concerto itinerante

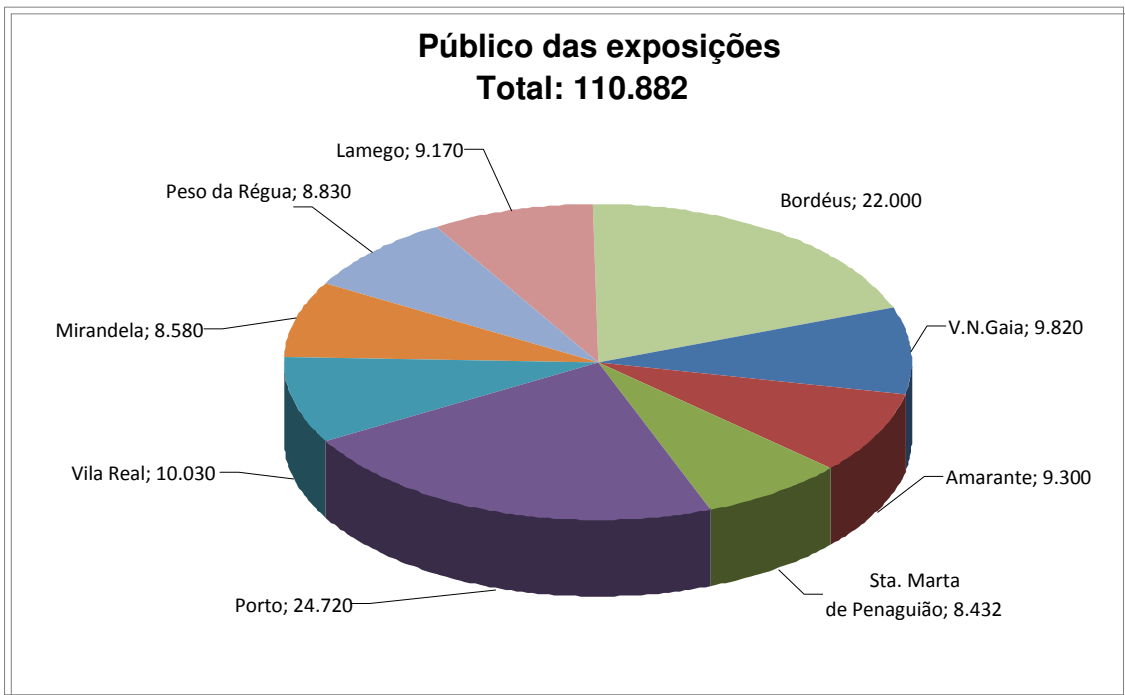
LAMEGO

Exposição

Local: Largo da Sé	Fotógrafos	
Data: 28 de Set a 28 de Out	Paulo Catrica	"Vistas do Alto Douro & Guia de Portugal 2012"
	Inês D'Orey	"Douro Industrial"
	Eduardo Santos	"Olhares d'ouro"
	Ricardo Raminhos	"Entre..."
	Domingos Alvão, Emil Biel, F. Anthero Seabra	"A Memória"

Programação cultural

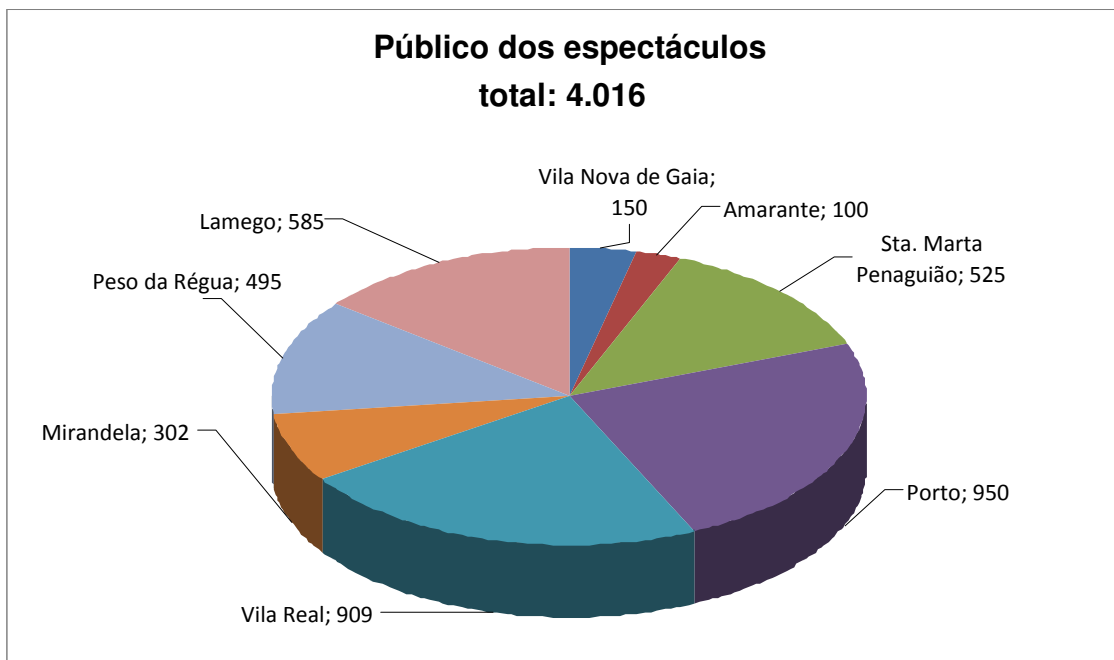
	Actividade	Tipo
	Drumming (PT/ES), com os alunos do Conservatório de Música de Vila Real	Concerto
	Nove Meses de Inverno de três de Inferno	Projecção multimédia
	Dead Combo (PT)	Concerto



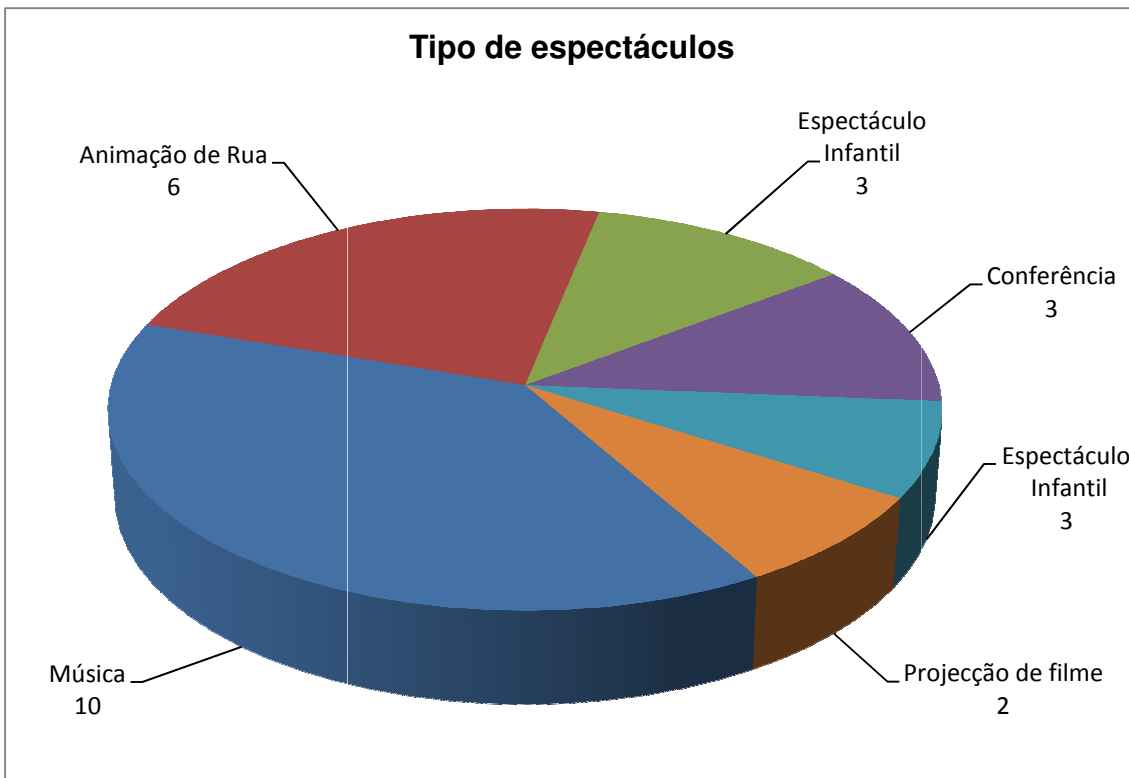
Fonte:Procur.art (estimativa)

*** Cálculo do público para as exposições:**

Tendo em conta que as exposições “Entre Margens” estão montadas em espaços públicos, foi calculada uma média diária de “visitantes” e utilizadores desses mesmos espaços, consoante os dias da semana (dias úteis e fins-de-semana) e os períodos horários (manhã, tarde e noite). Estes valores foram multiplicados pelo número de dias em que as exposições estiveram montadas em cada espaço.

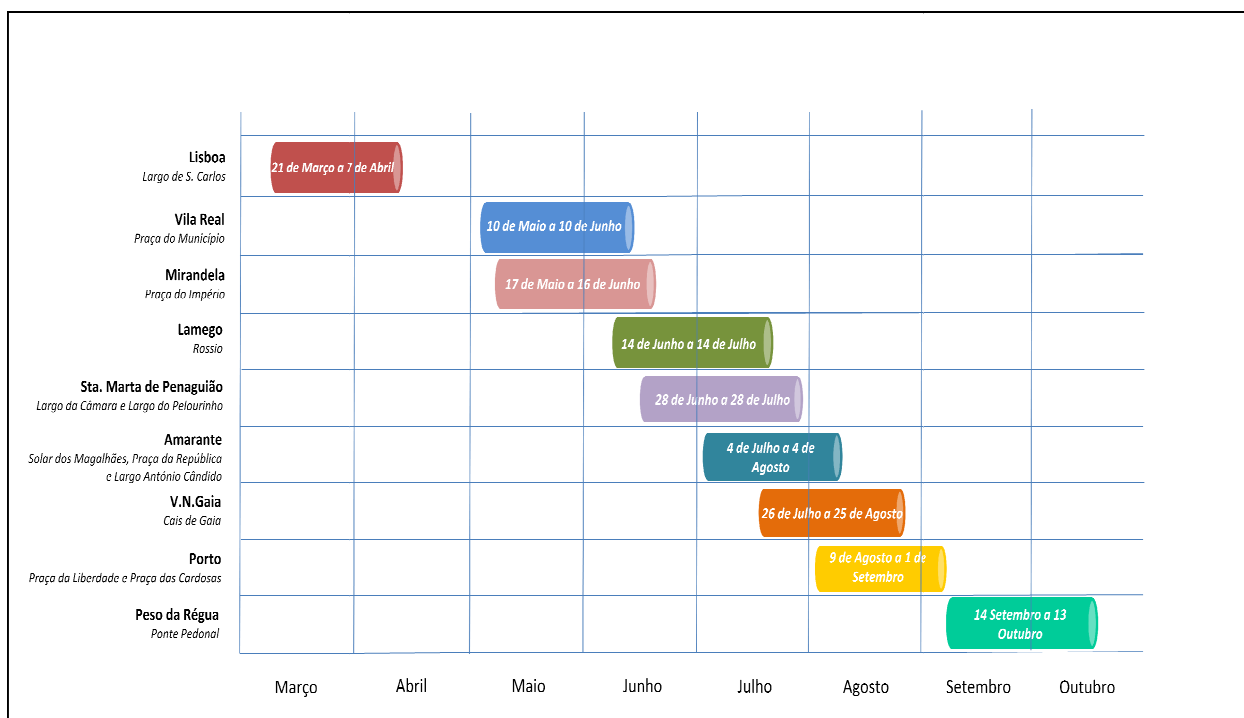


Fonte:Procur.art (estimativa)



Fonte:Procur.art (estimativa)

2013



A 3ª e última edição do “Entre Margens” aconteceu em 2013.

Em 2013, realizámos a terceira e última edição do “Entre Margens” no Douro. Tendo em conta a experiência acumulada nas duas primeiras edições, pudemos otimizar alguns aspectos e reforçar algumas das actividades programadas.

Ao longo de cinco meses, entre Maio e Setembro de 2013, foram apresentadas exposições fotográficas no espaço público das oito cidades parceiras do projecto: Amarante, Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião, Vila Nova de Gaia e Vila Real. Realizámos uma itinerância a Lisboa, apresentando, entre Março e Abril, no Chiado e no Largo do Teatro de S. Carlos, uma retrospectiva dos trabalhos produzidos durante das primeiras edições.

A última exposição que produzimos teve lugar em Peso Régua e, pela primeira vez, foram expostos no mesmo local os trabalhos dos 43 fotógrafos que participaram no projecto entre 2011 e 2013.

Dentro da lógica de inovação que marcou este projecto, convidámos o videasta Tiago Pereira para integramos uma componente sonora em cada exposição. A partir das fotografias de cada autor, foi criada uma “banda sonora”, acessível via *QR code*.

Neste ano, houve uma forte aposta na componente internacional, patente nas exposições, através do convite a fotógrafos de outros países, e na programação, através da realização de três Encontros Internacionais, com dezenas de oradores de várias entidades culturais de referência.

Em 2013, convidámos cinco novos fotógrafos para expor no “Entre Margens”:

Fotógrafos convidados – dois fotógrafos nacionais: António Pedrosa e Daniel Blaufuks; três fotógrafos internacionais: Brian Griffin e Chloe Dewe Mathews, do Reino Unido, e Gil Sibin, do Brasil;

Mantivemos a Masterclass com a coordenação da [Kameraphoto] para os fotógrafos Emergentes.

Imagens Emergentes – Attilio Fiumarella, Dato Daraselia, Hermano Noronha, Hugo Moura, Inês Nogueira Mesquita, Inês Viseu, João Freitas, João Malaquias, José Pedro Tomaz, Luís Montanha, Miguel Sobral Cardoso, Rebeca Bonjour e Sérgio Rolando.

Foi feito um esforço assinalável para integrar os criadores da região no projecto “Entre Margens”. O exemplo mais representativo foi o espectáculo “Sons do Douro”, que integrou cerca de 25 músicos da região, sete grupos de bombos, e foi apresentado no Porto, em Lamego e em Peso da Régua.

Por outro lado, registou-se um aumento das acções de formação e dos espectáculos direccionados aos jovens da região. Desenvolvemos actividades com os públicos dos centros escolares de Mirandela, Vila Real, Lamego e Peso da Régua.

No total, foram apresentadas 48 actividades distintas:

Espectáculos	26
Acções de Formação	14
Projecções	3
Encontros Internacionais	3
Projecto de instalações sonoras	1
Instalação fotográfica	1

A componente da comunicação foi igualmente reforçada, com a contratação de uma gestora de conteúdos e redes sociais, também responsável pela dinamização das redes informais no Douro. A repercussão nos media e nas redes sociais cresceu de forma assinalável.

Realizamos 3 documentários sobre o Entre Margens que foram exibidos na RTP 2 durante o mês de Setembro.

Para concluir o projecto foi editado um livro/catálogo. Nesta publicação pudemos ver condensado o resultado dos trabalhos produzidos pelos 43 fotógrafos que participaram no Entre Margens ao longo destes três anos e um resumo das mais de cem actividades realizadas no Douro no âmbito do projecto.

Pela primeira vez, foram montados balcões de informação junto às exposições. Assim, cada exposição podia contar com a presença de pessoal especializado e disponível para contextualizar e informar o público visitante. Só, desta forma, foi possível realizar um inquérito qualitativo sobre o projecto junto do seu público.

Tendo em conta os objetivos inicialmente traçados, podemos concluir que, apesar dos vários problemas que enfrentámos (a nível local e nacional), alcançámos os nossos propósitos.

Programação apresentada em cada cidade, exposições e programação cultural.

LISBOA*

Exposição

Local: Largo de São Carlos	Fotógrafos Convidados
Data: 21 de Mar a 7 de Abr	Céu Guarda, Inês d'Orey, João Pedro Marnoto, Luísa Ferreira, Nelson d'Aires, Pauliana Valente Pimentel, Paulo Catrica
	Fotógrafos emergentes 2011
	Ana Costa, Armindo Dias, Marcos Oliveira, Miguel Schreck, Rita Almendra, Vera Lúcia Carmo
	Fotógrafos emergentes 2012
	Alexandre Sampaio, Eduardo Santos, Hugo Maia, Joana Castelo, João Lopes Cardoso, José Ferreira, Luís Filipe Santiago, Marcos Oliveira, Miguel Vasconcelos, Nuno Brito, Ricardo Raminhos, Rui Manuel Fonseca, Vasco Rafael.

*Esta exposição retrospectiva integrou os trabalhos dos 26 fotógrafos que participaram nas edições de 2011 e 2012

VILA REAL

Exposição

Local: Praça do Município	Fotógrafos	
Data: 10 de Mai a 10 de Jun	Chloe Dewe Mathews (UK)	"Summoning the Caretos"
	Gil Sibin (BR)	"Via Sacris"
	Luís Montanha (PT)	"Murmúrio"
	Hermano Noronha (PT)	"Via Estreita"

Programação cultural

Actividade	Tipo
Omiri (PT)	Espectáculo multimédia
Carmen Souza (CV)	Concerto
Norberto Lobo (PT) "Zero em Comportamento" Realizador Jean Vigo	Cine-concerto
Encontros Internacionais "Arte no Espaço Público"	Conferência
Workshop Pinhole IPF (PT)	Formação
Jardins Fotográficos (BR)	Formação

MIRANDELA

Exposição

Local: Parque do Império	Fotógrafos	
Data: 17 de Mai a 16 de Jun	António Pedrosa (PT)	“Água Dura”
	Nelson d'Aires (PT)	“Pedras”
	Attilio Fiumarella (IT)	“Novos Povoadores”
	Miguel Sobral Cardoso (PT)	“São Torcato”
	Hugo Moura (PT)	“Vizinho meu, há alguém mais importante que eu?”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Omiri (PT)	Espectáculo multimédia
Fotografia no Território Escolar	Formação
João Paulo Santos “Contigo” (PT)	Novo circo
Melech Mechaya (PT)	Concerto

LAMEGO

Exposição

Local: Rossio	Fotógrafos	
Data: 14 de Jun a 14 de Jul	Chloe Dewe Mathews (UK)	“Summoning the Caretos”
	Gil Sibin (BR)	“Via Sacris”
	Sérgio Rolando (PT)	“Paisagem Multiplicada”
	João Freitas (PT)	“Tanoaria - Ferramentas que suportam uma arte”

Programação cultural

Actividade	Tipo
Always Drinking Marching Band (ESP)	Concerto itinerante
Workshop Pinhole IPF (PT)	Formação
Roda mon (ESP)	Novo circo
Sons do Douro (PT)	Concerto

SANTA MARTA DE PENAGUIÃO

Exposição

Local: Largo da Câmara e Pelourinho	Fotógrafos	
Data: 28 de Jun a 28 de Jul	Daniel Blaufuks (PT)	“Na Adega”
	João Pedro Marnoto (PT)	“Nove meses de Inverno e três de Inferno”
	Inês Nogueira Mesquita	“As mocinhas da minha aldeia”
	José Pedro Tomaz	“Atleta Imperfeito”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Always Drinking Marching Band (ESP)	Concerto itinerante
	Jerez-Texas (FR/ES)	Concerto
	Circolando “Arraial Deluxe” (PT)	Teatro

AMARANTE

Exposição

Local: Largo do Arquinho – Praça da República – Solar dos Magalhães	Fotógrafos	
Data: 4 de Jul a 4 de Ago	António Pedrosa (PT)	“Água Dura”
	João Pedro Marnoto (PT)	“Nove meses de Inverno e três de Inferno”
	Attilio Fiumarella (IT)	“Novos Povoadores”
	Inês Viseu (PT)	“Santa Marta”

Programação cultural

	Actividade	Tipo
	Jerez-Texas (FR/ESP)	Concerto

VILA NOVA DE GAIA

Exposição

Local: Cais de Gaia	Fotógrafos	
Data: 26 de Jul a 25 de Ago	Nelson d'Aires (PT)	"Pedras"
	Chloe Dewe Mathews (UK)	"Summoning the Caretos"
	Rebeca Bonjour (FR)	"Micro-Cosmos"
	João Malaquias (PT)	"Solo"

Programação cultural

Actividade	Tipo
Circolando "Arraial Deluxe" (PT)	Teatro

PORTO

Exposição

Local: Praça das Cardosas e Praça da Liberdade	Fotógrafos	
Data: 9 de Ago a 1 de Set	António Pedrosa (PT)	"Água Dura"
	Brian Griffin (UK)	"An Anti-Rationalist Sensibility"
	Daniel Blaufuks (PT)	"Na Adega"
	João Pedro Marnoto (PT)	"Nove meses de Inverno e três de Inferno"
	Gil Sibin (BR)	"Via Sacris"
	Inês Nogueira Mesquita (PT)	"As mocinhas da minha aldeia"
	Dato Daraselia (Georgia)	"Saudade de Emigrante"

Programação cultural

Actividade	Tipo
Fanfare Electrique (FR)	Concerto itinerante
Encontros Internacionais "Dia Mundial da Fotografia"	Conferência
Sons do Douro (PT)	Concerto
Lula Pena (PT) "A Propos de Nice" Jean Vigo	Cine-concerto
Projecção "Entre Margens" + IPF Porto (PT)	Projecção

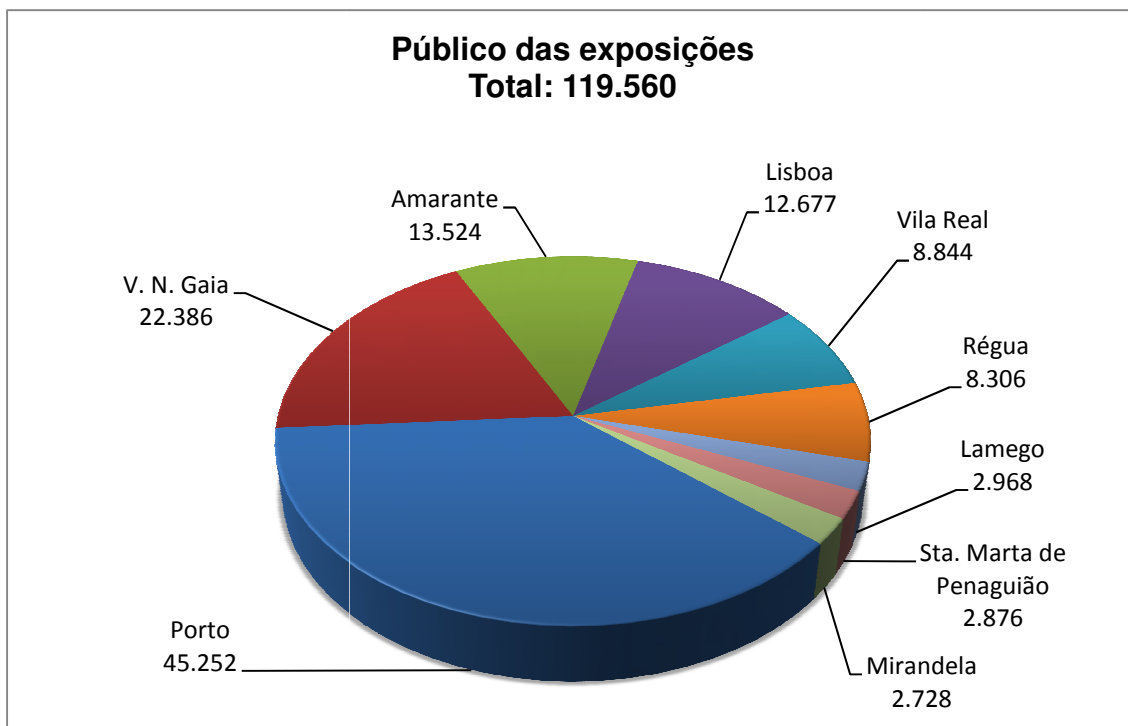
PESO DA RÉGUA

Exposição

Local: Ponte pedonal	Fotógrafos
Data: 14 de Set a 13 de Out	Exposição retrospectiva com os trabalhos dos 43 fotógrafos (12 Convidados e 31 Emergentes) que fizeram o projecto “Entre Margens” entre 2011 e 2013

Programação cultural

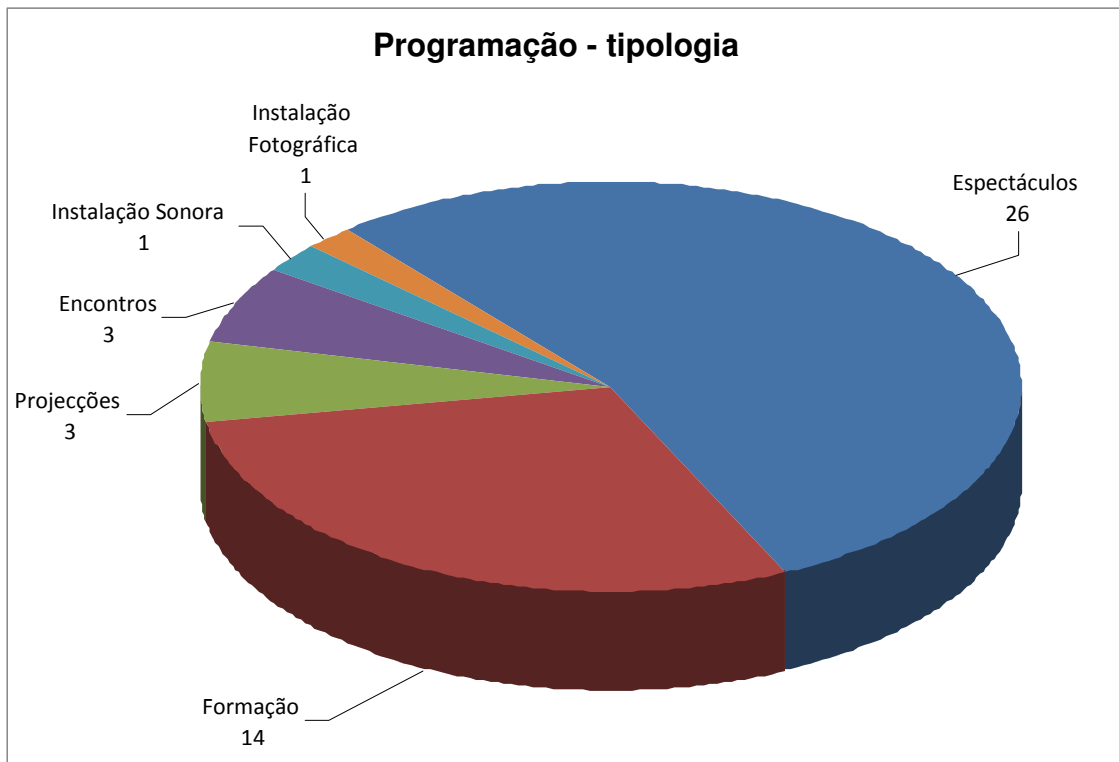
Masterclass Kameraphoto (PT)	Formação
Workshop “Sons do Douro” (PT)	Formação
Sons do Douro (PT)	Concerto
Always Drinking Marching Band (ESP)	Concerto itinerante
Fanfare Electrique (FR)	Concerto itinerante
Encontros Internacionais “Território e Imagem”	Conferência
ESPROARTE (PT)	Concerto
Documentário “Douro - A Imagem” (PT)	Projeção
Slideluck	Projeção e jantar
Jp Simões + Raquel Ralha + Sérgio Costa (PT)	Concerto
Sérgio Godinho (PT)	Concerto
Roda de Choro (BR)	Concerto
Jardins Fotográficos (BR)	Formação
Atelier “Narrativas Fotográficas” (PT)	Formação



Nota: O tempo médio de exposição em cada cidade foi de 30 dias, excepto em Lisboa, onde esteve patente apenas 18 dias.
 Fonte:Procur.art (estimativa)



Fonte:Procur.art (estimativa)



Fonte:Procur.arte



9



10

9 Museu do Douro, Peso da Régua, Setembro 2009. Autor: Luis Ferreira Alves

10 Fanfarre Electrica, Barco no Cais da Régua, Peso da Régua, Setembro 2011. Autor: João Pedro Marnoto

4 – Relação entre a Procur.arte, uma estrutura de criação e produção de natureza associativa e teatral e a Fundação Museu do Douro, de natureza pública

A ligação próxima e nuclear entre a Fundação Museu do Douro – entidade promotora e representante institucional - e a Procur.arte – autora e executante - foi fundamental para a execução deste projecto de três anos. Interessa refletir sobre este importante aspecto: como é que duas entidades de naturezas e objectivos tão díspares conseguiram aprender a trabalhar em parceria e desenvolver um projecto desta dimensão.

O “Entre Margens” juntou duas estruturas com origens, orgânicas, dimensões, finalidades e metodologias diferentes que tiveram que aprender a trabalhar em conjunto.

O “Entre Margens” foi pensado e planeado por uma entidade de carácter associativo, a Procur.arte - Associação Cultural e Social. Por ser um projecto, sempre foi entendido que teria começo, meio e fim. Sendo uma associação que desenvolve sobretudo projectos pontuais, pois não tem apoio à estrutura, estamos acostumados a trabalhar nestes termos e condições. Não é nenhuma vantagem, é uma realidade instável e precária. Temos trabalhado em teatro e festivais, o que implica apresentar um determinado projecto, montar toda a produção, concluir o processo e, depois, preparar a próxima produção.

A natureza dos trabalhos que temos por hábito realizar implica um planeamento rigoroso e o cumprimento de prazos apertados e, geralmente, inegociáveis. Quando se marca uma estreia e se comunica uma determinada data, dificilmente são tolerados atrasos. Esta situação leva a que, se necessário, se trabalhe com mais afinco para que os prazos não sejam ultrapassados.

Como este projecto e o território que o acolheu precisavam de uma atenção e uma presença constante, optámos por migrar para o Douro e produzir *in-loco* o projecto. Portanto, durante seis meses em cada ano, o núcleo duro da equipa, que se manteve inalterado ao longo do processo de trabalho, rumava ao Norte e montava o escritório no Peso da Régua.

Decidimos formar uma equipa reduzida, mas funcional. Pessoalmente, desde que não aconteçam problemas ou falhas graves, prefiro manter as mesmas equipas ao longo dos

processos de trabalho. Isto permite saber o que esperar de cada um, ao nível das qualidades e dos defeitos ao nível dos traços de personalidade e das competências técnicas. Apesar das tensões variadas que um projecto desta natureza faz emergir, conseguimos suportar-nos até ao fim. Sem mortos ou feridos.

A equipa da Procur.arte tinha total independência funcional e programática em relação ao projecto, mas mantinha reuniões constantes com os responsáveis do Museu.

A Fundação Museu do Douro é uma instituição pública, com o seu quadro de pessoal fixo e a sua dinâmica “museológica”. Os ritmos e as dinâmicas de trabalho eram diferentes, nem bons nem maus, apenas diferentes.

Talvez a melhor maneira de reflectir sobre este trabalho conjunto seja a partir de situações concretas que foram ocorrendo ao longo destes anos.

Primeiro, partimos da feliz coincidência deste projecto de trabalho em rede no território ter sido apresentado a uma entidade que tem o trabalho em rede no seu ADN fundacional. Quando apresentámos esta proposta, ela já vinha amadurecida, fruto das tentativas anteriores de montar o projecto.

Por outro lado, fruto de termos reflectido sobre o assunto, sabíamos o que queríamos fazer e como alcançar os objectivos. Tínhamos boa parte do planeamento estratégico feito, com balizas claras e definidas, o que foi fundamental para que a concretização do “Entre Margens”, para que não tivéssemos tido muitos problemas organizacionais e, sobretudo, para nos permitir balizar o que queríamos e podíamos fazer. Estas balizas mais do que nos restringirem os movimentos, serviram de protecção sempre que havia o risco de ingerência externa. “Não está no plano, não está no projecto, não se faz.”

Uma vez compreendidos e aceites os objectivos do projecto por parte do Museu, foi crucial encontrar os restantes parceiros. O papel do Museu foi essencial nesta primeira fase de articulação com os parceiros locais: as câmaras. Entre outras entidades, o Museu tem como fundadores a maioria das câmaras da Região Demarcada do Douro (21 autarquias). Este projecto só poderia ser realizado com o apoio efectivo das autarquias. Nesse sentido, o Museu

proporcionou uma reunião de apresentação do projecto a alguns destes parceiros que, no seu entender, estariam mais propensos a acolhê-lo.

Nessa reunião, participaram 13 autarcas do Douro. Mais uma vez, penso que, pelo facto de ser um projecto de alguma forma já maduro permitiu que houvesse uma boa aceitação. O plano inicial foi adaptado ao território, como não conhecíamos bem o Douro, esse trabalho foi feito em articulação com o pessoal do Museu, nomeadamente com as duas pessoas que desde sempre apoiaram o projecto: o director financeiro, Luís Carvalho, e a responsável pela Comunicação, Helena Freitas.

É importante notar que esta região – Douro e Trás-os-Montes – sempre foi muito “esquecida” pelo poder central. Estão literalmente “atrás dos montes” e há um sentimento de grande desconfiança em relação ao que vem de fora. Esta desconfiança sentiu-se, claramente, nestes primeiros encontros com os autarcas. O facto de eu não ser da região e ter sotaque brasileiro deve ter causado alguma surpresa e estranheza. Só posso imaginar que a apresentação do projecto deve ter sido mesmo boa... E o apoio do Museu deu a garantia de enquadramento do projecto na região.

Uma vez ultrapassada a barreira dos autarcas começámos a elaborar a candidatura ao QREN. Coube à Procur.arte as componentes artística e programática e ao Museu o enquadramento no território e a componente financeira, cabendo-lhe ainda apresentar a candidatura na qualidade de entidade promotora. É de notar que este foi o único projecto aprovado que não se localizava no litoral Norte.

O relatório de aprovação do projecto, por parte do QREN, trouxe outro elemento de grande importância para a relação entre a Procur.arte e o Museu. No parecer do júri, apesar de o Museu ser a entidade promotora, havia uma obrigatoriedade de manter a Procur.arte como entidade responsável pela direcção artística e pela execução das actividades. Nos vários critérios analisados, o papel desempenhado pela Procur.arte foi o mais valorizado em termos pontuais. Legalmente, a Procur.arte era apenas uma prestadora de serviço, mas, na prática, as duas entidades estavam obrigadas a trabalhar em conjunto. Quando houve potenciais situações de conflito, este facto determinante foi tido em conta.

Como já foi referido, o “Entre Margens” teve, desde o início, o apoio de dois elementos no Museu, o director financeiro – Luís Carvalho – e a responsável pela comunicação – Helena Freitas. No decorrer do projecto, por razões internas do Museu, a relação com a Helena Freitas foi sendo menos constante.

Quanto ao director financeiro a relação foi continuada, pois a nossa equipa precisava de articular a gestão dos orçamentos e a tesouraria quase diariamente com o Museu. Este trabalho, muitas vezes, não se restringia apenas a questões financeiras, havendo uma constante troca de informação e partilha de opiniões sobre os aspectos gerais e da própria programação. Havia uma preocupação permanente, de parte a parte, em enquadrar a programação nas expectativas dos parceiros.

Simultaneamente, o QREN impunha uma série de regras ao nível da contabilidade e, portanto, era necessário que a nossa equipa estivesse ao corrente desses procedimentos para que os relatórios financeiros fossem aprovados. Por termos uma equipa composta maioritariamente por produtores, não tivemos problemas em acertar as regras de trabalho com as regras exigidas pelo QREN. É de referir que o projecto não teve qualquer derrapagem financeira, tendo sido executado em cerca de 90%.

A gestão financeira foi sendo gerida, ao longo dos três anos, de uma forma um pouco caótica. Não por causa do Museu, mas por causa da própria estrutura de financiamento do QREN e dos parceiros. Tivemos de lidar com várias situações de ruptura de tesouraria e a Procur.arte viu-se obrigada a adiantar pagamentos que eram da responsabilidade do Museu. Estas situações foram sendo geridas com confiança mútua e conseguimos realizar sempre as acções programadas, sem nunca chegar a uma situação de colapso. Foi um exercício delicado e tenso mas, com bom senso e profissionalismo, conseguimos (Procur.arte e Museu) concluí-lo com sucesso.

Por outro lado, apesar de o projecto ser autónomo e ter um financiamento próprio, a realidade é que as verbas que lhe eram destinadas eram integradas no orçamento geral do Museu. O orçamento geral do Museu sofreu vários cortes ao longo destes anos, ao contrário do orçamento do “Entre Margens” que se manteve estável. Este facto levou a que não houvesse muita abertura para gerir o orçamento da forma que nós achávamos mais justa e correcta,

sobretudo em relação a remuneração da própria Procur.arte. Aqui, notou-se uma clara incompreensão relativamente à distinção entre um trabalho realizado no âmbito de um projecto, por definição, pontual, finito e de alguma forma precário e o trabalho numa instituição com quadro de pessoal fixo, remuneração contínua e “garantida”.

A nossa relação com a direcção do Museu era menos frequente e estava mais ligada às questões genéricas da programação. Trabalhámos com dois directores: numa primeira fase, com o Arquitecto Fernando Maia Pinto e, numa segunda, com o Arquitecto Fernando Seara. O plano de trabalho e a programação eram sempre discutidos antecipadamente com a direcção, que tinha que aprovar, genericamente, as linhas traçadas. Neste capítulo, não houve grandes conflitos estéticos. Da nossa parte, também sempre tivemos o cuidado de adequar a programação ao território que a recebia. A direcção do Museu sempre teve muito cuidado em respeitar e, de alguma forma, satisfazer os desejos dos seus fundadores, as câmaras parceiras. Nós sempre tivemos um grande respeito pelo público dessas cidades parceiras, mas, em momento algum, optámos por realizar uma programação mais condescendente e facilitadora.

Havia uma questão de dimensão e amplitude do projecto que não era totalmente consensual. O Museu tinha preferência em actuar mais a nível local. No fundo, havia um pouco a visão de que este projecto deveria estar mais centrado na região, quer a nível da oferta artística, quer a nível da intervenção pública. O nosso entender era que os criadores e os espectáculos deveriam ser escolhidos e programados em função da sua qualidade objectiva e não da sua origem geográfica, mais uma vez sem descurar a criação local de qualidade. Em relação a apresentar o projecto fora do território, pareceu-nos muito importante essa lógica de itinerância e promoção externa da própria região. Foi com estes objectivos que levámos as exposições a Bordéus e a Lisboa. Apesar de a direcção do Museu nunca ter sido contra, a verdade é que não fazia parte das suas prioridades, preferindo centrar-se nas acções de proximidade junto das autarquias fundadoras.

Enquanto marca, o projecto ganhou identidade própria e uma independência que suplantou ambas as entidades (Museu do Douro e Procur.arte). Este aspecto fez com que se diferenciasse de forma clara o que era a actividade quotidiana de cada entidade e o que era

actividade do “Entre Margens”. Apesar de ser um projecto efémero por vezes a visibilidade do “Entre Margens” suplantava a do Museu do Douro o que nem sempre foi bem recebido pela estrutura directiva do Museu do Douro.

Um grande factor de desestabilização foi a extinção temporária da Fundação Museu do Douro. No âmbito das decisões do Governo/Troika foi decidido que algumas fundações deveriam ser extintas. A primeira proposta implicava a extinção de quatro – três do Norte, duas das quais do Douro – entre elas a Fundação Museu do Douro. Esta proposta foi rejeitada e contestada pelo Museu, apoiado pelos seus serviços jurídicos, junto dos ministérios com responsabilidade nessa decisão. Na sequência desta proposta de extinção, ficámos temporariamente com um projecto aprovado, financiado e em execução, mas com a entidade promotora tecnicamente extinta.

Uma vez revertida a proposta de extinção pudemos voltar a trabalhar normalmente. Como esta situação ocorreu entre o segundo e o terceiro ano perdemos muito tempo de preparação das actividades, além da grande instabilidade causada nas duas entidades. Por outro lado, tenho a convicção pessoal de que se o Museu não tivesse no terreno um projecto como o “Entre Margens”, atuando de forma positiva junto das principais câmaras da região e simultaneamente fundadoras da Fundação, a pressão exercida pelos autarcas para que a extinção fosse revogada não teria decorrido com o mesmo empenho.

Este projecto só existiu porque foi produzido pela equipa criativa da Procur.arte e suportado institucionalmente e financeiramente pela Fundação Museu do Douro. Nunca teria sido possível a cada uma das estruturas realizar o projecto independentemente uma da outra. Ambas as estruturas tiveram que aprender a respeitar-se mutuamente e a trabalhar em conjunto. Este “casamento” manteve-se até à conclusão do projecto. Como é normal em todos os “casamentos” houve momentos de tensão e quase ruptura, mas havia um bem comum que ambas as partes queriam preservar: o “Entre Margens”. A equipa da Procur.arte executou o seu trabalho com assinalável profissionalismo e qualidade, portanto, nunca foi possível pôr em causa o nosso desempenho.

Muitas vezes as fontes de tensão vinham do exterior do Museu e o período em que havia

dúvidas sobre a própria continuidade da Fundação enquanto tal foi extremamente desestabilizador. Os aspectos financeiros, sobretudo ligados à tesouraria, também foram difíceis de gerir.

Mas a verdade é que entre o que foi planeado em 2009 e o que foi executado até ao fim de 2013 ficou um saldo positivo para o Douro e para as suas cidades.



11



12

11 Av. dos Aliados, Porto, Julho 2011. Autor: João Pedro Marnoto

12 Inauguração na Régua, Sons do Douro, Peso da Régua, Setembro 2013. Autor: Eduardo Amaro

5 – A relação com as autarquias

A relação com as autarquias foi um dos principais factores de sucesso do projecto.

Sempre houve o entendimento, quer da Procur.arte, quer do Museu, que era muito importante conseguir articular a execução do projecto com as instituições do território e, neste sentido, as autarquias eram os nossos principais interlocutores.

Como já foi referido, as autarquias são membros fundadores do Museu do Douro, portanto, havia uma preocupação redobrada em trabalhar de forma positiva com elas.

Este projecto tinha uma forte componente de dinamização do espaço urbano e era importante que o público das cidades que acolheram o “Entre Margens” se revisse no nosso trabalho cultural.

Penso que não defraudámos estas expectativas.

Um dos primeiros momentos-chave do projecto foi a sua apresentação às autarquias do Douro. Esta reunião foi determinante para dar a conhecer a Procur.arte e partilhar os nossos objectivos e o nosso *modus operandi* com os potenciais parceiros. Havia alguma tensão no ar, fruto de questões do passado que envolviam o Museu e as autarquias, mas conseguimos separar a dinâmica do projecto dos problemas anteriores.

O Douro é uma região fragmentada, integra municípios que, apesar de estarem localizados no mesmo território, não têm o hábito de trabalhar em rede. Cada um defende a sua "quinta". Esta situação cria uma grande fragilidade, pois cada “quinta” é, na realidade, uma “quintinha”, o que faz com que a região também não consiga definir claramente uma estratégia comum para o território e, dessa forma, concretizar os seus objectivos de desenvolvimento regional.

Ora, o que nós, que éramos maioritariamente de Lisboa, propusemos era exactamente um trabalho em rede na região. Penso que se eu fosse natural de qualquer das cidades parceiras, o projecto não teria sido apoiado. O facto de ser um "ovni" trouxe uma equidistância e um olhar externo que permitiu gerir estas sensibilidades durienses. Aqui se prova que a cultura pode criar "pontes" onde antes não havia comunicação.

Termos optado por migrar para o Douro também criou uma relação de empatia com os seus habitantes. Propusemo-nos trabalhar na região e vivenciá-la no seu dia-a-dia.

Esta presença no território permitiu que mantivéssemos uma relação de proximidade com os agentes locais e que partilhássemos os problemas da região de forma natural, visto que também fazíamos parte da mesma.

Esta presença facilitou o nosso trabalho e fez com que os autarcas nos aceitassem com naturalidade e não como um elemento externo.

Por outro lado, trouxemos uma abordagem profissional e qualitativa da “coisa cultural”.

Uma estratégia que utilizámos, para que todos os municípios se revissem nas nossas propostas de programação, foi alternar as inaugurações e os encerramentos do projecto pelos diferentes municípios. Em 2011, inaugurámos no Porto e fizemos o encerramento em Vila Real; em 2012, inaugurámos em Vila Nova de Gaia e encerrámos em Lamego e em 2013, inaugurámos em Vila Real e encerrámos em Peso da Régua. Estes momentos tinham uma repercussão considerável em termos mediáticos.

Assim, conquistámos a confiança e o respeito do Douro e a parceria activa e empenhada das autarquias.

O facto de as autarquias contribuírem financeiramente gerou um maior envolvimento dos próprios parceiros e, em simultâneo, uma maior responsabilização.

As autarquias tinham grandes diferenças de dimensão e tecido urbano e, neste sentido, tinham interesses diferenciados em relação ao projecto.

Trabalhar com uma vila como Santa Marta de Penaguião, com 7.000 habitantes, e trabalhar com o Porto, a segunda maior cidade de Portugal, implicou uma gestão e adaptação da programação a estas diferentes realidades.

Tentámos sempre salvaguardar os objectivos do projecto, quer a nível das actividades propostas, quer a nível da qualidade das mesmas. Os nossos objectivos passavam por trazer contemporaneidade para a região, sem “agredir” os públicos locais.

Amarante - é uma cidade com uma grande dinâmica cultural. Como já integravam vários espectáculos na sua programação regular, o seu interesse foi mais direccionado para o acolhimento das exposições.

A exposição de 2012 foi montada num pequeno largo da cidade, o Largo do Arquinho, que tinha sido recentemente reabilitado e que ainda carecia de dinamização. Foi interessante perceber como a população local se apropriou do espaço expositivo, sobretudo à noite, quando o público passeava pela exposição ou simplesmente se sentava nos suportes para conversar. Em 2013, criámos um percurso com três núcleos expositivos, juntando os extremos da cidade. Intervimos no Solar dos Magalhães (com uma instalação de fotografias de grande dimensão nas arcadas), na Praça da República, junto à Igreja de São Gonçalo, e outra vez no Largo do Arquinho, com cubos e *framelights*.

Lamego – Foi uma apoiante do projecto desde o princípio. É uma autarquia que mantém uma certa rivalidade com Peso da Régua e, eventualmente por causa disso, uma posição pouco clara na relação com o Museu do Douro, que está sediado em Peso da Régua. Às vezes, apoiam o Museu, outras vezes, não. Em relação ao “Entre Margens”, a relação foi sempre positiva.

As exposições foram realizadas no centro histórico. Nos dois primeiros anos, junto à Sé e no segundo ano, em frente ao Museu de Lamego. Utilizámos o Teatro Ribeiro Conceição como um espaço de apoio à programação, onde por exemplo, realizámos o espectáculo de encerramento da edição de 2012 com os Dead Combo.

Lamego também tem uma dinâmica bem desenvolvida na relação com as escolas e, neste sentido, realizámos espectáculos infantis e workshops.

Mirandela – Este projecto teve o apoio explícito do vice-presidente da autarquia, que posteriormente passou a presidente. Contudo, a vereadora da cultura nunca se reviu ou apoiou o projecto. Nesta gestão de sensibilidades, contámos sempre com o apoio dos técnicos de cultura de Mirandela. Uma situação que tivemos que gerir com muita paciência.

Aprendemos que Mirandela está mais voltada para Trás-os-Montes do que para o Douro e que existe uma relativa rivalidade entre estas duas sub-regiões. Enquanto a cultura do vinho domina do Douro, em Mirandela é o azeite que formata a dinâmica económica e sociocultural.

As exposições foram sempre no Parque do Império, principal jardim da cidade. No primeiro ano, também realizámos um percurso pelo centro histórico, intervindo nas janelas de prédios devolutos.

Também realizámos acções de formação junto do público escolar, quer das escolas secundárias, quer da ESPROARTE – Escola Profissional de Música.

Peso da Régua – Esta cidade é o centro económico e social do Douro. Foi, também, a cidade onde montámos o nosso escritório, pois é aqui na Régua que está sediado o Museu do Douro. No entanto, não mantivemos uma relação muito fluída com o município, sobretudo por falta de uma política cultural clara e definida. Sempre contámos com o apoio dos vereadores e dos técnicos de cultura, apesar de alguns pequenos conflitos estéticos ao nível das nossas propostas de programação. A autarquia apoiava-se na nossa programação e, de alguma forma, gostariam que esta fosse de encontro aos seus critérios estéticos. Outra situação que teve de ser gerida com maestria e paciência.

No primeiro ano, as exposições tiveram lugar no cais e em dois prédios abandonados. Esta intervenção em lugares degradados suscitou diferentes reacções. Num primeiro momento, houve comentários negativos de populares por estarmos a intervir em prédios que estavam degradados e que “envergonhavam” a Régua. Quando desmontámos as exposições, tivemos vários pedidos no sentido de as manter, pois, na verdade, “embelezavam” a cidade.

Nas duas edições seguintes, montámos a exposição na Ponte Pedonal. Foi, sem dúvida nenhuma, uma das instalações esteticamente mais interessantes que fizemos. A ponte tinha sido recentemente reabilitada e a exposição deu vida a um espaço “morto”. Esta ponte era conhecida em Peso da Régua como a “ponte dos corvos”, mas no último ano do “Entre Margens”, ouvimos várias vezes a referência à “ponte dos cubos”. É a cultura a entrar no imaginário das populações e a contribuir para a reabilitação dos espaços urbanos.

No último ano, realizámos em Peso da Régua as actividades de encerramento do “Entre Margens”, com o espectáculo “Sons do Douro”, que incluiu a actuação de cinco grupos de bombos da região, inauguração da exposição e um fim-de-semana com várias actividades (espectáculos e conferências) no Museu do Douro.

Porto – A relação institucional com o Porto foi estabelecida através da empresa municipal Porto Lazer. O Pelouro da Cultura esteve ausente. Tendo em conta a importância da cidade e também a dimensão dos seus espaços, realizámos acções de maior impacto, que tiveram, naturalmente, uma repercussão assinalável a nível dos públicos.

As exposições foram montadas em locais emblemáticos da cidade. Em 2011, na Avenida dos Aliados e em frente à Reitoria, perto d’ O Piolho, um dos principais espaços de diversão nocturna do Porto, com grande afluência de jovens. Pese embora várias previsões “apocalípticas”, a exposição não foi vandalizada, apesar de ter ficado um pouco “mal tratada” pelo excesso de público nocturno. Foi o primeiro grande teste à resistência dos materiais.

É interessante referir ainda o cine-concerto “Tabu”, com realização de F.W Murnau e música dos Tigrala/Norberto Lobo, que teve lugar no Jardim da Cordoaria. Este jardim tinha as luzes estrategicamente apagadas, pois é um espaço controlado pelo comércio de substâncias pouco lícitas. Como era “escurinho”, ficava mesmo bem como um cinema ao ar livre. É a cultura a ocupar espaços com utilizações mais “alternativas”.

No segundo ano, a exposição foi instalada em frente ao Teatro Rivoli e notou-se uma nostalgia dos públicos da cultura pela revitalização deste espaço mítico da cidade.

Em 2013, voltámos à Avenida dos Aliados e montámos um segundo núcleo na Praça das Cardosas. Esta última instalação é um bom exemplo de como às câmaras utilizaram o “Entre Margens” para dar visibilidade às suas obras estratégicas. As Cardosas são um espaço recentemente reabilitado e devolvido à cidade que a Câmara pretendia dinamizar.

A exposição na Avenida dos Aliados teve maior impacto junto do público. É interessante perceber a diferença, pela positiva, entre as inaugurações de 2011 e 2013. Observou-se um aumento exponencial de público e ficámos contentes por ter colaborado nesta nova dinâmica cultural do Porto.

Nesta terceira edição, ainda realizámos, em co-produção com o Instituto Português de Fotografia, os Encontros Internacionais – Dia Mundial da Fotografia no Museu Soares dos Reis e convidámos dezenas de importantes profissionais ligados à fotografia para participarem no “Entre Margens” e conhecerem o Porto.

Santa Marta de Penaguião – Foi o município de menor dimensão onde o “Entre Margens” interveio, no entanto, foi onde nos sentimos mais em casa. A Câmara foi sempre parte interessada e pró-activa. Santa Marta é uma “cidade” de 7.000 habitantes, mas muito empenhada na articulação das suas estratégias culturais com os objectivos do “Entre Margens”. Como as exposições foram montadas em frente à câmara e junto à praça principal, podemos dizer que atingimos quase 100% da população. A nossa relação com Santa Marta foi, sem dúvida nenhuma, especial e única.

Foi uma câmara que optou por acolher a componente contemporânea do nosso projecto para contrabalançar e complementar a programação mais popular a que a população estava habituada a assistir.

Foi interessante apresentar o cine-concerto “Tabu” com os Trigala/Norberto Lobo ou o concerto do Al Madar – Orquestra Árabe de Nova Iorque, conquistando os públicos residentes. De igual modo, foi marcante realizar o espectáculo “Arraial Deluxe”, dos Circolando, para uma audiência de 400 pessoas (mais de 5% da população...).

Vila Nova de Gaia – É em Vila Nova de Gaia que se localizam as caves e as principais empresas de Vinho do Porto, portanto, era essencial actuar nesta cidade. A nossa relação foi estabelecida com a Gaianima, empresa municipal.

As exposições foram montadas no cais, mais uma vez um local estratégico e recentemente reabilitado pelo município. Apesar de não termos tido qualquer problema, a verdade é que não tivemos grande proximidade com esta autarquia.

Éramos “mais um evento” que acontecia na cidade, mas entendemos que foi importante esta colaboração, sobretudo pelo aspecto simbólico e pelos públicos que atingimos, em especial no terceiro ano do projecto.

Em 2013, a exposição do Porto e de Vila Nova de Gaia estiveram montadas em simultâneo, o que permitia ao público realizar um circuito entre as duas cidades.

Vila Real – Vila Real tinha um interesse estratégico no projecto “Entre Margens”: o trabalho em rede no Douro. Esta cidade sempre entendeu que o Douro deveria ter uma actuação concertada ao nível do território e o nosso projecto permitia exactamente esta abordagem integrada. Foi um grande apoio ao projecto.

Vila Real tem uma estrutura urbana muito fragmentada, com poucos locais para montar este tipo de projecto de arte pública. Nos dois primeiros anos, as exposições foram montadas junto ao Teatro de Vila Real, um dos principais equipamentos culturais do Douro. No último ano, montámos a exposição na praça em frente à câmara de Vila Real e conseguimos um enquadramento urbano muito interessante.

Em Vila Real, realizámos algumas acções importantes, como o espectáculo de encerramento do primeiro ano, “Scattered” da companhia inglesa Motion House, o envolvimento dos jovens músicos do Conservatório de Vila Real no espectáculo dos Drumming ou a conferência internacional sobre Arte no Espaço Público.

Foi, sem dúvida nenhuma, uma das autarquias que melhor percebeu o trabalho integrador que quisemos desenvolver no Douro.

“Entre Margens” desenrolou-se em oito cidades deste Douro “alargado”. Um dos segredos para a sua boa execução foi saber adaptar as linhas de uma programação contemporânea e inovadora às características específicas do território e de cada cidade parceira. Este trabalho foi feito com extremo cuidado e atenção pois cada município tinha características diferentes entre si, a nível do tecido urbano, estrutura socioeconómica e dinâmica cultural. Ter sabido escutar e envolver os autarcas no projecto foi muito importante para que estes três anos de actividades tenham decorrido sem grandes sobressaltos. Apesar das grandes dificuldades que o país passou nenhuma das autarquias optou por desistir do projecto. Conseguir integrar as expectativas do território nos objectivos definidos para o “Entre Margens” sem que isso o descaracterizasse foi uma das principais vitórias deste projecto de animação cultural.



13



14

13 Ensaio da Brass Band ESPROARTE de Mirandela, Peso da Régua, Setembro 2012. Autor: Eduardo Amaro

14 Dia Mundial da Fotografia, Visita às exposições com António Pedrosa, Porto, Agosto 2013. Autor: Eduardo Amaro

6 – O trabalho em rede como opção metodológica, com a integração e interacção com entidades culturais municipais, associativas, criadores e outros agentes do território

Este projecto teve o trabalho em rede como uma opção conceptual, metodológica e não uma necessidade justificada pelas circunstâncias. Era importante incluir as entidades activas na região pela natureza do projecto e do território e pelo *modus operandi* da Procur.arte. Este aspecto marcou o “Entre Margens”, por ter conseguido motivar dezenas de parceiros a trabalhar em conjunto, em prol do território.

Como já foi referido, esta escolha começou a gerar frutos logo no início do projecto, quando conseguimos pôr diferentes municípios a trabalhar em conjunto. Juntar Lamego e Peso da Régua, Mirandela e o Douro ou ainda Vila Nova de Gaia e Porto foram grandes vitórias e opções de risco.

A nossa opção foi envolver agentes da área cultural, económica e institucional nas cidades parceiras, de forma a complementar a rede já estabelecida pelas autarquias.

Esta estratégia de abarcar o tecido socioeconómico da região (serviços locais (refeições, estadias, arrendamentos), freelancers e artistas locais, fornecedores locais, instituições parceiras) foi amplificada ao longo do projecto. Em 2011, trabalhámos com 67 agentes, em 2012 com 100 agentes e em 2013 com 208. Ver gráficos pag. 72, 73

A nível económico, optámos por, dentro das possibilidades, criar uma relação de proximidade e confiança com os nossos principais fornecedores (restauração, alojamento, trabalhos técnicos de espectáculo, impressão dos trabalhos fotográficos e de materiais promocionais, logística e viagens, montagem das exposições e outros serviços variados). Foi uma gestão ao mesmo tempo responsável e de confiança, o que permitiu que não houvesse desvios a nível dos orçamentos do projecto. Esta opção teve igualmente uma preocupação com a sustentabilidade do tecido local e com a redução custos ambientais.

A nível cultural, trabalhámos com vários criadores e entidades. Os teatros de Lamego e Vila Real acolheram vários espectáculos; o Museu Soares dos Reis, no Porto, acolheu os Encontros Internacionais – Dia Mundial da Fotografia; o Centro Português de Fotografia e o

Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, cederam fotografias dos seus arquivos; a ESPROARTE acolheu alguns espectáculos e, por outro lado, os seus alunos apresentaram-se em concertos da Brass Band e da Orquestra de Sopros; a Universidade de Trás os Montes e Alto Douro manteve um acompanhamento constante do projecto através de vários professores e da colaboração dos seus serviços audiovisuais; trabalhámos com cinco grupos de bombos do Douro e com 20 músicos no espectáculo “Sons do Douro”; integrámos os alunos do Conservatório de Vila Real em espectáculos, assim como os jovens dos Bombos de S. Tiago no concerto dos PAUS, em Mirandela.

Estabelecemos uma relação de grande proximidade com o IPF do Porto, juntos co-produzimos duas edições do Dia Mundial da Fotografia no Porto. Entre outros aspectos, esta colaboração foi importante, porque o Instituto Português de Fotografia tem uma vasta rede de contactos a nível da fotografia e serviu como meio de amplificação do trabalho do “Entre Margens” junto desta comunidade.

Contratámos pontualmente vários profissionais residentes no Douro para colaborar com o projecto em diferentes áreas.

Também envolvemos diferentes instituições da região, como a Confraria dos Enófilos do Douro, as escolas da região, empresas de vinhos e espumantes, o Instituto de Navegação do Douro, a Estrutura de Missão do Douro, o Museu de Amarante, a Universidade Sénior da Régua, a ADDICT - Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas, entre outros.

Toda esta rede de parcerias e cumplicidades permitiu criar uma segunda “equipa” de apoio ao “Entre Margens”, pois estas empresas, instituições e *freelancers* que colaboravam regularmente entendiam o projecto como seu e assumiam uma grande responsabilidade no bom cumprimento dos seus diferentes trabalhos e, assim, sentimos o projecto seguro e acarinhado.

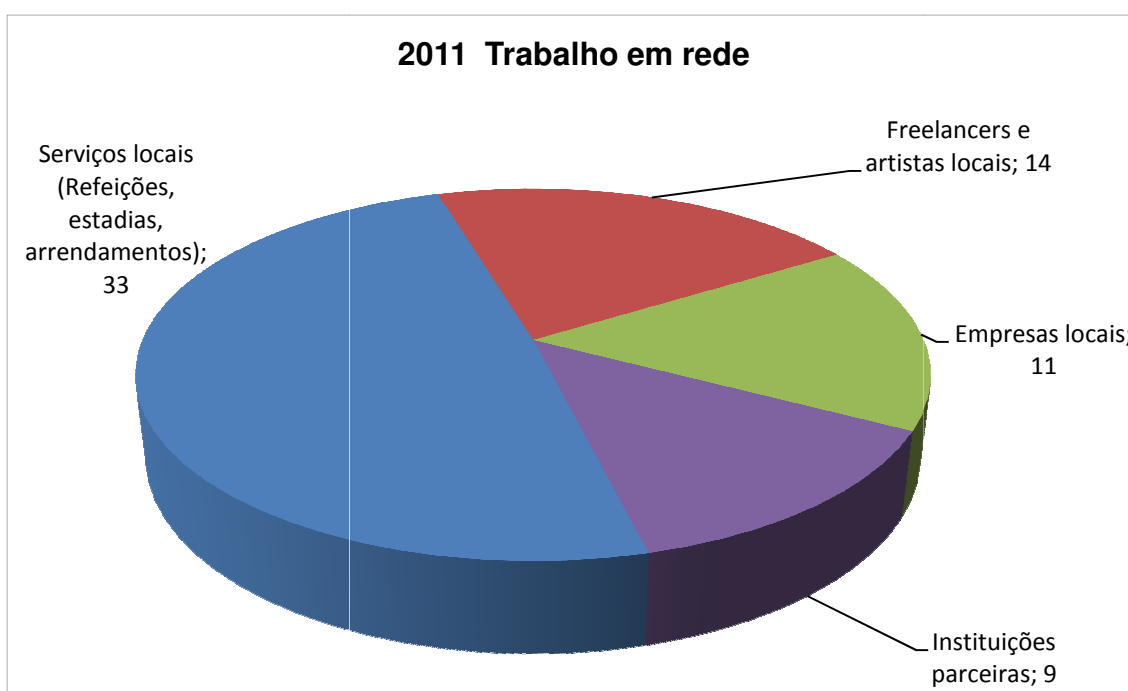
Este projecto tinha o território do Douro como espaço de intervenção. Não era de nenhuma cidade, nem tínhamos um espaço fixo para apresentar as nossas actividades. Antes pelo contrário, tivemos que trabalhar com os espaços que demonstraram abertura para nos acolher. A nossa principal preocupação foi preservar e defender o projecto, do ponto de vista artístico e

conceptual. Como a nossa programação tinha o cuidado de se adaptar às condições (artísticas e logísticas) de quem nos acolhia havia uma consonância de vontades. E sobretudo não nos consideravam com um corpo intrusivo.

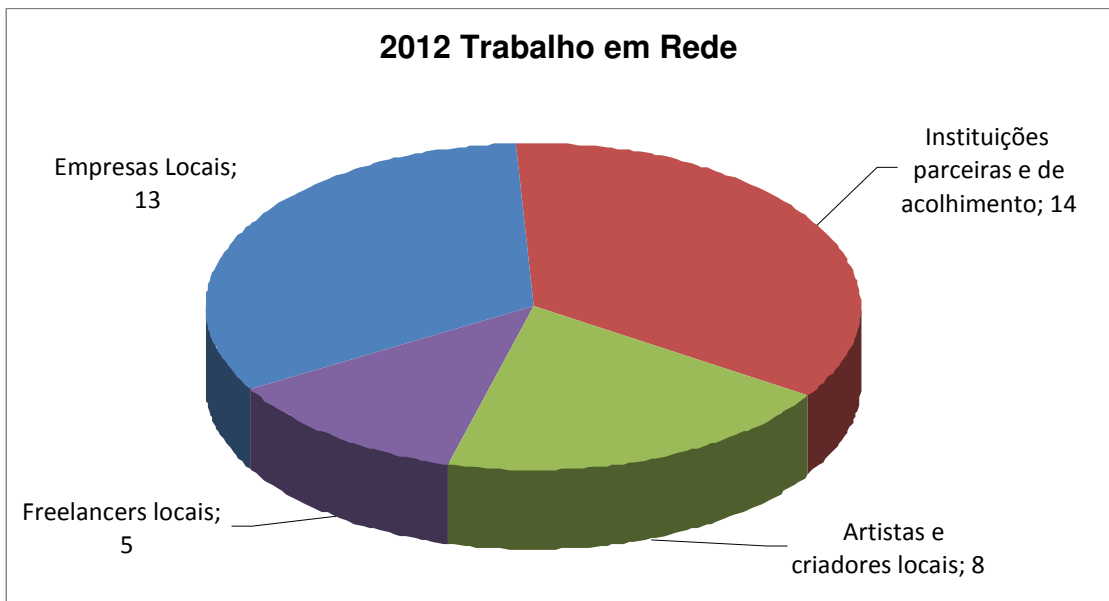
Este aspecto fez com que nunca tivéssemos uma zona de conforto ao contrário de quem nos acolhia. Estar em constante tournée foi um desafio aliciante e uma característica do “Entre Margens”.

A nossa postura foi neste sentido desde o início e tentamos partilhar este *modus operandi* com os vários parceiros que fizeram parte desta rede informal. Termos tido como ponto de partida esta abordagem influenciou positivamente o decorrer das actividades. Como o “Entre Margens” era um projecto, com começo meio e fim, o nosso trabalho ficou concluído no final de 2013. Esperamos que esta abordagem metodológica tenha gerado uma outra postura junto dos agentes da região. Sabemos que os fotógrafos que participaram no projecto têm mantido alguma dinâmica de comunicação dentro do seu grupo de trabalho.

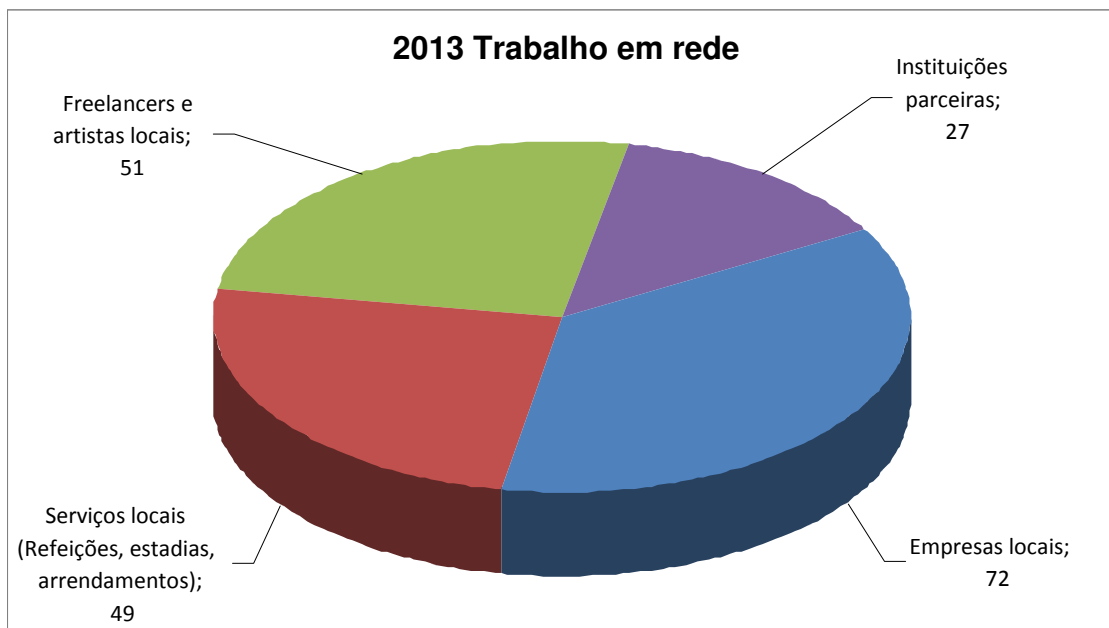
Mas também sabemos que sem alguém para desempenhar o papel de dinamizador/animador/produtor estas dinâmicas caem no esquecimento. Cabe aos responsáveis e agentes activos que actuam no território manter e otimizar estes processos de trabalho cooperativo .



Fonte:Procur.arte



Fonte:Procur.arte



Fonte:Procur.arte



15



16

15 Sessão Fotográfica com Brian Griffin, Presegueda, Maio 2013. Autor: Nuno Ricou Salgado

16 Tabu, Cine concerto com Tigrala/Norberto Lobo, Santa Marta de Penaguião, Agosto 2011. Autor: Nuno Ricou Salgado

7 – A intervenção ao nível da criatividade e da inovação num território pouco acostumado a este tipo de dinâmicas

O nosso objectivo era criar uma nova cartografia de imagens para um território demasiadas vezes fotografado. Trazer uma nova leitura da imagem da região do Douro, convidando criadores para, através dos seus olhares contemporâneos e autorais, criarem novas percepções sobre este território emblemático.

O Douro é um território muito fotogénico, o rio, os socalcos, a vinha, as curvas, as montanhas, os caminhos-de-ferro têm marcado o imaginário colectivo e estes elementos tem-nos chegado sobretudo através da fotografia. Este facto criou uma “imagem” estabilizada e pré-concebida. “Este é o meu Douro”. A nossa proposta foi exactamente descobrir um novo Douro. Trata-se de uma realidade que existe em paralelo ao Douro que estamos acostumados a ver e que é o Douro em que muitos dos agentes institucionais se revêm. Sérgio B. Gomes, autor do blogue Arte Photographica, escreveu no catálogo do “Entre Margens”: “(...)Um dos grandes méritos do Entre Margens foi o de revelar que há outros socalcos visuais que interessa conquistar a esta terra.(...)” (Fundação Museu do Douro, Procur.arte, autores, 2013, p. 52) O jornalista Sérgio Andrade refere no Público: “Depois de (e com) “Entre Margens”, o Douro e toda a sua envolvente física, geográfica e principalmente humana ganha novas (e inovadoras) perspectivas...”. (ANDRADE, 2014)

Enquanto curador, o meu primeiro desafio foi encontrar e convidar os criadores melhor preparados para criar esta nova leitura. Em conjunto com estes fotógrafos, encontrámos novos pontos de vista sobre um território com uma imagética demasiado marcada. Uma das directrizes que todos tinham era “fugir” às imagens clássicas, dos socalcos e dos barcos rabelo a navegar Douro acima. Este trabalho foi bem-sucedido pois eu tinha um conhecimento aprofundado do imaginário fotográfico de cada um.

Quanto aos fotógrafos emergentes, tivemos duas abordagens diferentes. No primeiro ano, realizámos um concurso aberto aos fotógrafos locais. O resultado não foi satisfatório em termos estéticos. Face a esta situação delicada, optámos por convidar o colectivo [Kameraphoto] para realizar duas acções de formação em fotografia contemporânea no Douro.

Fizemos um *open call* e os fotógrafos seleccionados tiveram a oportunidade de ter um mês e meio de aulas no âmbito do Masterclass realizado pelos fotógrafos deste colectivo. Como seria de esperar, o foco dos trabalhos produzidos mudou radicalmente. Por termos 13 fotógrafos seleccionados em cada ano, aumentámos em muito a pluralidade de olhares sobre o Douro. Nestes dois anos, tivemos a oportunidade de formar 26 fotógrafos do Douro, com idades compreendidas entre os 16 anos e os 48 anos, oriundos de 15 cidades diferentes. Isso trouxe uma grande contemporaneidade e diversidade geográfica para o projecto.

Toda esta modernidade foi relativamente bem recebida no Douro. Tivemos uma boa relação com os públicos das cidades (ao longo dos três anos tivemos apenas quatro situações de vandalismo) e as diferentes instituições que foram nossas parceiras souberam respeitar o acto criativo dos fotógrafos. Às vezes, havia alguma incompreensão quanto às temáticas apresentadas, havia uma vontade de não “manchar” a imagem do Douro junto do público, mas nunca tivemos pressões mais intrusivas.

No entanto, havia um filtro natural a todo o projecto: a rua. Como todas as exposições eram realizadas no espaço público, não podíamos apresentar imagens com conteúdos violentos ou mais radicais. Por outro lado, tentámos adaptar os conteúdos das exposições aos locais onde as mesmas seriam expostas, fazendo um jogo equilibrado entre o que queríamos mostrar e o que o público de cada cidade estava preparado para bem receber.

Quanto aos espectáculos, também procurámos partilhar com os residentes do Douro novas dinâmicas culturais. Queríamos fomentar a interacção entre os artistas convidados e os públicos e criadores da região, fomentando a troca de conhecimentos.

Entre outros, acho pertinente citar alguns exemplos desta interacção:

O concerto dos **PAUS**, em Mirandela, com a participação dos jovens dos Bombos de S. Tiago, e que foi precedido de um ensaio/*workshop*;

O cine-concerto **Metrópolis** com o músico Luís Conceição na ESPROARTE foi precedido de uma palestra direccionada para os alunos de música desta escola profissional de Mirandela;

O concerto dos **Drumming**, em Vila Real e Lamego, com a participação dos alunos do Conservatório de Vila Real;

A apresentação multimédia do projecto fotográfico “**Nove Meses de Inverno e três de Inferno**”, do fotógrafo João Pedro Marnoto, com música e locução ao vivo de Rui Silva, em Mirandela e Lamego;

O espectáculo do grupo **Las Çarandas**, no Porto, um grupo de gaiteras do Planalto Mirandês, onde geralmente são apenas os homens que tocam as gaitas mirandesas. Aqui, o movimento foi inverso, trazendo o que de inovador se faz em Trás-os-Montes ao Porto;

O concerto do ensemble **Al-Madar** - New York Arabic Orchestra, em Santa Marta de Penaguião;

O espectáculo multimédia **Omiri**, em Mirandela, Vila Nova de Gaia e Vila Real, uma proposta de reinvenção da música tradicional portuguesa, com projecção simultânea de imagens de vídeo recolhidas e remisturadas ao vivo por Tiago Pereira;

O “**Sons do Douro**”, apresentado no Porto, em Lamego e em Peso da Régua, um projecto musical inovador que descobriu sonoridades em pipas de vinho e que procurou promover o encontro entre a música popular e a percussão contemporânea, para além de formar duas dezenas de músicos do Douro.

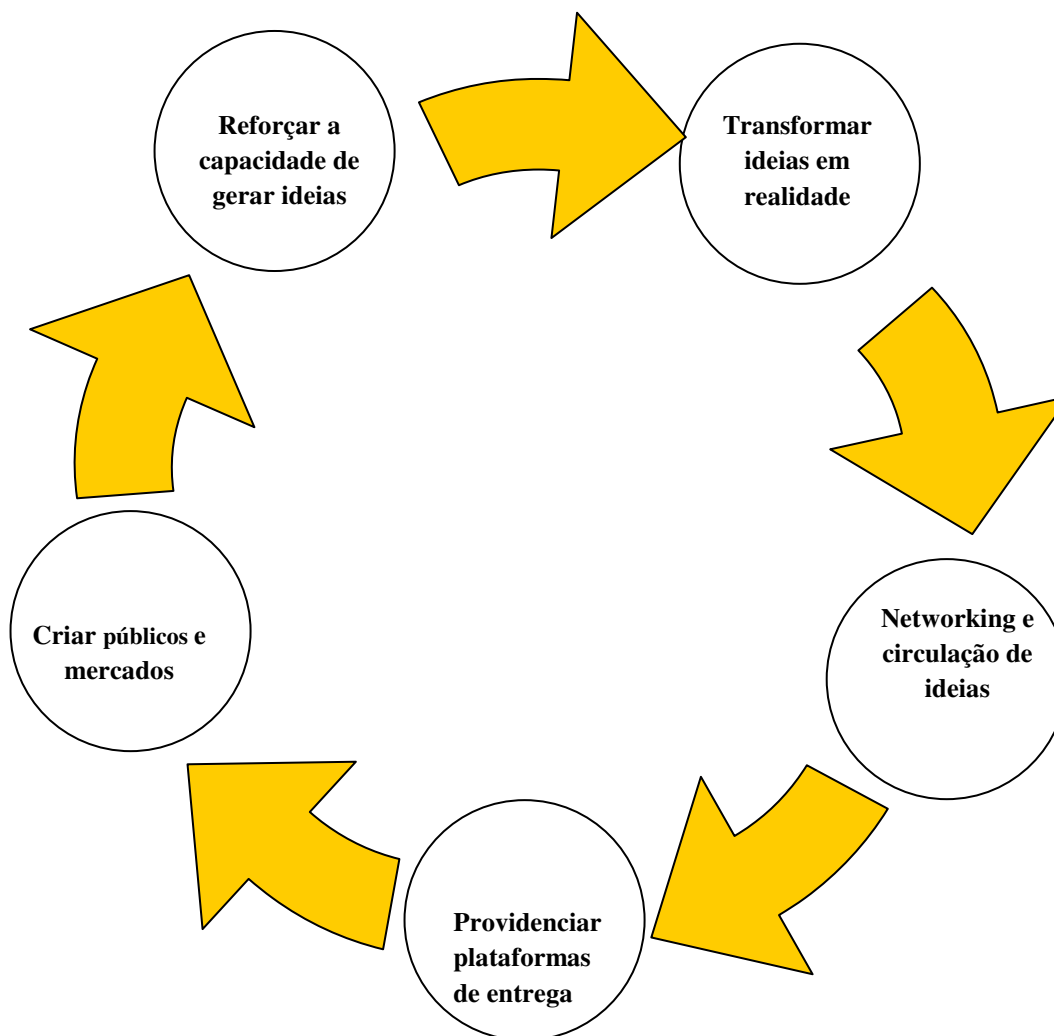
Esta opção nunca teve por detrás uma postura sobranceira ou paternalista, mas antes uma vontade sincera de partilhar o conhecimento, a criatividade e outras formas de produzir cultura. Infelizmente, fruto da política de abandono a que o interior é fadado, efectivamente é difícil para quem está “atrás dos montes” ter acesso a este tipo de projectos inovadores e contemporâneos.

Um dos propósitos dos Encontros Internacionais foi trazer ao Douro os responsáveis por alguns dos projectos mais representativos nas áreas de intervenção do “Entre Margens”. Entre outros contamos com a presença de:

Carl Depauw	MAS - Museum aan de Stroom - Antuérpia (BE)
Maria Vlachou	ICOM - International Council of Museums (PT)
Elina Heikka	The Finnish Museum of Photography - Helsínquia, (FIN)
Rui Prata	Museu da Imagem (PT)
Roberto Pitella	Escola de Música e Belas Artes do Paraná - Curitiba (BR)
Anne Braybon	The Road to the Olympics - Londres (GB)
Beverly Brannan	Farm Security Administration/Office of War Information – Washington (USA)
Angela McSherry e Bergit Arends	Galápagos Artists' Residency, Fundação Gulbenkian (UK)
Jacob Pastrovich	New York Photo Festival (USA)
Krzysztof Candrowicz	Festival Lodz (POL)
Louise Clements	FORMAT Festival (UK)
Patrick Henry	Look13 Liverpool Festival (UK)
Brian Griffin	Fotógrafo (UK)
Colin McPherson	Fotógrafo (UK)
Fiona Rogers	Firecracker e Agência Magnum (UK)
Eder Chiodetto	Museu de Arte Moderna São Paulo (BR)
Pau Llacuna	Director Fira Tàrrrega, Catalunha
Guti Fraga e Priscilla Marinho	Grupo Nós do Morro (BR)
Agathe Moroval	Director Photoquai (FR)
Jean Zurawik	Fête Lumiere Lyon (FR)
Pedro Costa	ISCTE/Dinamia (PT)
Jonathan Banks	Director IXIA (UK)
Susan Christie	IOTA, Escócia
Jesse James e Diana Sousa	Walk Talk, Açores (PT)
Teresa Latuszewska	Fundacja Urban Forms (POL)
José Alberto Ferreira	Festival Escrita na Paisagem (PT)
Pep Fargas	Festival Lluèrnia, Catalunha

Este projecto foi apoiado pelo QREN ON2 no âmbito das acções desenvolvidas pelo Clusters Criativo do Norte, neste sentido é pertinente analisa-lo segundo o “Ciclo de Criatividade Urbana”

(LANDRY, 2008)



1. Reforçar a capacidade de gerar ideias

- Para incentivar o aparecimento de novas dinâmicas criativas e produtivas na Região realizamos um trabalho de formação e dinamização cultural em articulação com os agrupamentos escolares e com os criativos do Douro;
- Foi programado um ciclo de conferências, sobre os principais vectores do “Entre Margens” e sobre os processos de dinamização criativa das suas cidades;

- Realizamos *Masterclass* ministradas por criadores convidados e direccionadas para os jovens criadores da Região.

2. Transformar ideias em realidade

- A equipa de pilotagem deste projecto foi composta sobretudo por produtores e outros profissionais que têm o hábito de transformar ideias em “coisas” concretas. Os resultados estão à mostra;

- Os trabalhos produzidos pelos criadores durante o processo criativo foram apresentados publicamente;

- Foi montada uma estrutura de pilotagem do projecto na região. Esta estrutura serviu de instrumento de dinamização criativa e de suporte de produção. Funcionou em estreita ligação com as instituições activas do Douro.

3. Networking e circulação de ideias

- Dinamizamos uma rede de parcerias e incentivamos a circulação dos criadores;

- Promovemos a presença constante de criadores externos ao Douro através da participação em palestras, em espectáculos ou em residência artística, o que constituiu um elemento potenciador do aparecimento de novos focos de empreendedorismo criativo e de estabelecimento de redes de contactos entre o tecido criativo local e criadores externos.

4. Providenciar plataformas de entrega

- Este projecto teve uma forte componente de realização física através da realização das exposições e dos espectáculos. Todas estas componentes físicas representaram plataformas de apresentação ao público dos trabalhos desenvolvidos durante o processo criativo;

- Este projecto criou empregos directos e indirectos e fomentou o aparecimento de estruturas locais ligadas ao projecto.

5. Criar públicos e mercados

- Atraímos para a região público ligado à criação contemporânea, ao ecoturismo, e ao enoturismo entre outros. Criamos, para estes públicos, circuitos culturais que possibilitaram a visita às exposições, aos espectáculos e às conferências;

- Providenciamos novos conteúdos para os públicos já existentes na região. Desenvolvemos um trabalho de formação de novos públicos, actuando a nível do público escolar e do público adulto. Para isso contribuiu a teia de parcerias que estabelecemos com as várias entidades presentes na região e envolvidas no projecto;
- Incentivamos a criação de dinâmicas de mercados através da geração e dinamização de novas teias de relacionamento a nível socioeconómico entre os agentes activos da Região. Estas dinâmicas foram promovidas a partir do trabalho conjunto entre os agentes económicos (ligados ao turismo e desenvolvimento rural), os agentes criativos (ligados aos criadores e aos jovens saídos das escolas e universidades) e as instituições do Douro.



17

8 – A influência da natureza da equipa na concretização do trabalho

Apesar de a principal componente do “Entre Margens” ser do domínio das artes visuais (fotografia, exposições e arte pública), a equipa de pilotagem deste projecto era maioritariamente composta por profissionais ligados às artes do espectáculo, mais especificamente ao teatro, à dança e ao meio associativo cultural.

Outro ponto que nos unia era o facto de todos termos uma costela de “produtor”. No meu entender, este factor foi fundamental para que conseguíssemos levar este projecto a bom porto.

“O produtor moderno deverá ser uma pessoa conhecedora da arte em que está envolvido, um empresário, um negociador das condições de trabalho, um diplomata, um educador, um especialista em publicidade e relações públicas, um político, um homem de negócios treinado, socialmente sofisticado, um servidor da comunidade, um líder sensível – privilegiando a compreensão antes da autoridade – um professor e um permanente estudante das artes”.

(Rockefeller Panel Report, 1965)

Nesta definição, podemos ver descritas algumas das facetas do produtor e todas elas foram postas em prática neste projecto.

“(…)pessoa conhecedora da arte em que está envolvido (...)” – Apesar de ser um projecto inovador e sem grandes exemplos ou referências a seguir, tínhamos estudado e reflectido sobre as diversas possibilidades de implantação das exposições e dos espectáculos que queríamos programar. Este estudo deu-nos algum conforto e segurança para tomarmos as decisões necessárias.

“(…)um empresário(…)” – Ir ao Douro “vender” uma ideia destas tem directamente a ver com a vertente comercial que um produtor tem que incorporar. Para sermos bem-sucedidos, temos que acreditar nos projectos que defendemos e apresentá-los com alma. Foi o que foi feito no Douro, com os resultados que estão à vista de todos. No entanto, da mesma forma que é preciso saber vender uma ideia também é necessário ser honesto e transparente no que se

propõe, de modo a não sermos confrontados por quem está do outro lado. Este aspecto foi muito importante para ir conquistando a confiança dos nossos parceiros locais.

“(…)um negociador das condições de trabalho(…)” – Para manter o núcleo da mesma equipa, ao longo de três anos, num projecto tão exigente como este, foi importante garantir que todos tinham as melhores condições possíveis. As condições salariais eram aceitáveis e equilibradas com o que se pratica na área da cultura. Não havia grandes diferenças salariais. Tivemos ainda que montar a estrutura de apoio para a equipa que não era da região, nomeadamente as habitações. Tentámos gerir, sempre que possível, vindas a Lisboa para encontrar a família, pois estávamos literalmente migrados no Douro. Quanto à carga horária, cada um tinha liberdade para organizar o seu plano de trabalho desde que garantisse os resultados acordados. Havia uma grande entreatajuda entre as equipas apesar de, por questões operacionais, a equipa das exposições funcionar independentemente da equipa dos espectáculos.

Ao mesmo tempo, fizemos questão de bem acolher os grupos e os artistas que fizeram connosco o “Entre Margens”. Para nós, era muito importante que fossem tratados com carinho e respeito. Todos ficaram agradecidos e satisfeitos com o projecto e muitos mostram-se disponíveis para voltar a trabalhar connosco. Este bom acolhimento e simpatia da nossa equipa foi muito importante para ajudar a colmatar as difíceis condições financeiras do projecto. A intermediação entre os artistas/agentes e o Museu foi um papel que tivemos de realizar constantemente. É de notar que, apesar das condições financeiras adversas, com atrasos nos pagamentos acima do acordado, não tivemos nenhuma situação de conflito judicial com os mais de cem artistas contratados.

“(…)um diplomata... um político(…)” – Na nossa estrutura funcional, esta tarefa era desempenhada principalmente por mim, por inerência do cargo e pela natureza da minha personalidade. Desempenhei este papel a nível interno e externo. O facto de haver um bom espírito de equipa não quer dizer que não houvesse situações de tensão. O trabalho acumulado, a intensidade que todos pusemos nas nossas funções e actividades, a distância de casa, a falta de um espaço de retiro/escape foram factores que geraram, muitas vezes, focos de tensão. E cabia-me ir gerindo as várias sensibilidades dentro da nossa equipa.

Na gestão da relação entre a nossa equipa com a do Museu do Douro, também assumi uma

postura preventiva para que não houvesse atritos desnecessários. Tinha que estar sempre atento para discernir entre o que era efectivamente relevante e o que era apenas ruído desnecessário ou vaidade fugaz.

A nível da relação do projecto com as oito câmaras, também tive um papel de diplomacia/política. Como já foi referido as câmaras que parceiras, apesar de pertencerem ao mesmo território, nem sempre tinham o hábito de trabalhar em conjunto, antes pelo contrário.

Através da cultura, conseguimos pôr todos a trabalhar em conjunto.

Diplomacia cultural. Um papel que desempenhei com gosto.

“(…)um servidor da comunidade(…)” – Este era um projecto sobre o Douro e para o Douro. Não tinha lógica que o território não se revisse no “Entre Margens”. Todas as actividades (espectáculos e exposições) eram articuladas com os nossos contactos directos nas autarquias e programadas tendo em conta a realidade local. Em troca, os públicos destas cidades acolheram-nos e acarinharam-nos.

Por exemplo, respeitaram as exposições que estavam “desprotegidas” no espaço público. No último ano, realizámos um inquérito junto de 328 visitantes. Entre outros indicadores, 95% considerou que a qualidade do “Entre Margens” era “Muito Boa” ou “Boa”, 88% considerou que o projecto contribuiu para a dinamização da sua cidade e 99% que contribuiu para um melhor conhecimento do Douro.

“(…)um líder sensível(…)” – Tínhamos várias lideranças para cada uma das componentes do projecto. O facto de não termos tido nenhuma situação de ruptura “laboral” diz bem da forma como cada um de nós soube manter uma postura construtiva e colaborativa. Isto não quer dizer que não houvesse situações de potencial conflito, quer apenas dizer que soubemos manter a calma, respeitarmo-nos uns aos outros, salvaguardar a boa execução do projecto e não explodir na hora errada. Por vezes, foi precisa muita sensibilidade e paciência...

Para além destas características mais ligadas à “produção”, a vertente teatral da equipa também marcou a nossa actuação pela positiva.

Ao longo de todo este processo, deparámo-nos com várias situações em que este *background* comum fez a diferença. Efectivamente quem trabalha em teatro tem o hábito de encontrar soluções para os múltiplos problemas que surgem a todo o momento e tem que encontrá-las

rapidamente. “A necessidade aguça o engenho”, sobretudo quando se trabalha numa realidade mais precária e sub-financiada.

Esta experiência comum permitiu, igualmente, que conseguíssemos gerir com alguma facilidade cerca de 100 actividades (espectáculos, conferências, workshops) em itinerância constante entre as oito cidades.

Como já foi referido, a nível das exposições, o aspecto cénico/cenográfico fez toda a diferença. Criámos uma estrutura expositiva que convidava o público a "subir para cima do palco". A iluminação das exposições também criava um ambiente teatralizado e, principalmente, uma abordagem diferente do que é normal numa exposição de arte. O público passeava pela exposição, apoiava-se nas obras e podia tocar e pisar as fotografias. Esta mistura de arte pública com um espaço cénico causou alguma perplexidade nos fotógrafos/artistas que participaram no projecto, ao mesmo tempo que criou uma grande proximidade e acessibilidade para o público que a visitava.

Para caracterizar a equipa de trabalho da Procur.art e que esteve a frente do “Entre Margens”, parece-me pertinente apresentar a ficha técnica do projecto.

Equipa

Entidade Promotora	Fundação Museu do Douro
Autoria e Coordenação	Procur.art e
Direcção Artística	Nuno Ricou Salgado (2009/2013)
Direcção de Produção	Catharina Didelet (2011/2013)
Direcção de exposições	Ana Limpinho (2010/2013)
Direcção Técnica	Cláudia Rodrigues (2011/2013)
Produção	Olga Moreira (2013) Mariana Falcato Simões (2011/2012)
Produção de Exposições	Mauro Rodrigues (2013)
Relações Internacionais	Paulo Pereira (2013)

Design gráfico	Pedro Bacelar (2009/2013)
Gestão de Conteúdos	Patrícia Posse (2013)
Webdesign	Sandrina Lains (2012/2013) Rita Falcão Monteiro (2011)
Assessoria de Imprensa e Comunicação	Lino Miguel Teixeira, Isalinda Santos (2011/2013) e António Pedro Pereira (2012)
Imagem	Klapt Prod (2012/2013), Ricardo Raminhos (2013), João Pedro Marnoto (2011)
Desenho técnico	Diverge (2010)
Construção dos suportes expositivos	Outros Mercadus (2011) e Iduna (2013)
Impressão	Multitema (2011/2013)
Montagem das exposições	Habipenaguião (2012/2013) Outros Mercados (2011)
Montagem e operação dos espectáculos	Visualight (2011/2013)
Apoio Jurídico	Suzana Pombeiro (2010/2013)
Apoio Logístico	Longomai (2013)



18



19

18 Inauguração na Av. dos Aliados, Porto, Agosto 2013. Autor: Eduardo Amaro

19 Exposição no Parque do Império, Mirandela, Maio 2013. Autor: Eduardo Amaro

9 – Uma leitura dos grandes números do projecto: actividades, públicos, impacto económico, trabalho em rede, questionário qualitativo

Um projecto com estas características, dimensão e duração pode ser analisado a partir de vários parâmetros. O “Entre Margens” foi um projecto artístico com um enquadramento territorial, apoiado no quadro de um programa de apoio às Indústrias Criativas da Região Norte e com uma lógica de trabalho em rede. A programação já foi suficientemente analisada, portanto, debruçar-me-ei sobre os outros aspectos.

Desde a primeira reunião, a 30 de Abril de 2009, até à conclusão, a 30 de Dezembro de 2013, o projecto “Entre Margens” teve a duração de cinco anos, dois de negociação/preparação e os restantes de execução.

A Procur.arte envolveu directamente uma equipa de 20 pessoas. Destes profissionais, seis tiveram que migrar para o Douro durante os seis meses de trabalho directo no terreno, quatro eram residentes na região e os restantes realizavam os seus trabalhos a partir dos seus escritórios, deslocando-se pontualmente à região.

No âmbito do projecto “Entre Margens”, estivemos presentes em 10 cidades (oito parceiras e duas em itinerância). No primeiro ano, contámos com seis cidades parceiras; no segundo, entraram mais duas e ainda realizámos duas itinerâncias fora do território. Todas as câmaras que aceitaram fazer parte deste projecto na primeira fase mantiveram-se até à sua conclusão, apesar das graves dificuldades financeiras que todas atravessaram.

Ao longo destes três anos, realizámos as seguintes actividades:

Exposições em espaços públicos	34
Novas fotografias sobre o território	600
Espectáculos dos mais variados estilos	85
Acções de formação	10
Encontros internacionais	5

Nos dois primeiros anos do projecto, foi feita uma contagem por estimativa dos públicos. Como as exposições estavam “abertas” 24 horas, sete dias por semana, e a maioria dos espectáculos

foram realizados em espaços abertos (praças, ruas, etc.), é muito difícil ter uma contabilização fidedigna destes públicos. No entanto, calculamos que tivemos entre 110.000 a 125.000 “visitantes” nas exposições em cada ano e entre 4.500 a 8.500 espectadores por ano, na vertente dos espectáculos. No último ano, criámos uma equipa de acompanhamento e informação que estava localizada junto às exposições. Esta equipa, além de contabilizar durante alguns períodos do dia, os públicos visitantes, ainda realizou um inquérito qualitativo aos visitantes. Foram realizadas 328 entrevistas nas oito cidades e os resultados estão em anexo. No entanto, destaco algumas conclusões:

Qualidade do projecto	Muito Bom	50%
	Bom	45%
Qualidade das fotografias	Muito Bom	58%
	Bom	40%
Considera o projecto inovador	Sim	98%
“Entre Margens” contribui para a dinamização da sua cidade	Sim	88%
Projecto contribui para um melhor conhecimento do Douro	Sim	99%

O orçamento total aprovado pelo QREN ON2 – Grandes Eventos Culturais para os três anos de projecto foi de **1.315.000 euros**.

O valor executado foi 1.188.726,64 €, o que equivale a uma execução financeira de 90,40% do orçamento total. A decisão de não executar a totalidade do valor orçamentado foi da exclusiva responsabilidade da entidade promotora.

Cada uma das seis câmaras que acolheu o projecto durante os três anos (Lamego, Mirandela, Peso da Régua, Porto, Santa Marta de Penaguião e Vila Real) participou com um co-financiamento no valor de 25.000 euros;

Vila Nova de Gaia participou com 16.600 euros e Amarante, que optou por ter menos acções complementares, participou com 12.000 euros. Estas duas câmaras apenas acolheram duas edições do “Entre Margens”.

A Câmara de Bordéus financiou o projecto em 5.000 euros.

O Instituto Camões e a Embaixada de Portugal em Paris financiaram a deslocação a Bordéus, com o valor de 5.000 euros.

O projecto obteve ainda 4.800 euros de co-financiamento de diversas fontes (mecenato, inscrições, apoios).

Execução Financeira

Valor executado em 2011	319.745 €	24,32 %
Valor executado em 2012	210.626 €	16,02 %
Valor executado em 2013	658.355 €	50,07 %
Valor total executado	1.188.726,64 €	90,40 %
Valor não executado	126.273 €	9,60 %
Valor total aprovado Qren ON2	1.315.000 €	100 %

Fontes de Financiamento

Câmaras Parceiras	178.600,00 €	15,02 %
Câmara de Bordéus	5.000,00 €	0,42 %
Instituto Camões/Embaixada de Portugal em Paris	5.000,00 €	0,42 %
Outros Financiamentos	4.800,00 €	0,40 %
Financiamento QREN ON2	995.326,64 €	83,73 %
Valor total executado	1.188.726,64 €	100 %

O orçamento do “Entre Margens” foi distribuído da seguinte forma:

- Gastos com empresas locais na ordem dos 40% (empresas contratadas para prestação de serviços variados);
- Serviços locais: os números variam entre 4 e 12% (refeições, estadias, arrendamentos); *Freelancers*, artistas e companhias locais entre 8 e 14%
- Em 2011, 54% do investimento foi despendido nas empresas e nos *freelancers*/artistas/companhias locais; em 2012, o valor foi de 60% e em 2013, 63%. Mais de

metade do dinheiro foi directamente investido na região.

- *Freelancers* e artistas nacionais: entre 24 e 31% (esta rubrica inclui a Procur.arte); - artistas internacionais entre 1 e 6%

Da leitura deste grandes números podemos extrair varias conclusões:

- Houve uma vontade constante em investir em entidades da região Norte, por este projecto ser apoiado por um fundo de caracter regional e por entendermos que deveríamos contribuir para o desenvolvimento local;

- A distribuição das verbas pelos três anos não foi de todo equilibrada, no primeiro ano o orçamento executado foi de 319.745 € o que equivalia a 24,32 % do total; no segundo houve um claro retrocesso no valor executado, 210.626 € - 16,02 % e no terceiro um claro aumento 658.355 € - 50,07 %. Entre outros motivos esta situação deveu-se ao aumento da taxa de co-participação do projecto que ocorreu em finais de 2012. Como, entretanto tínhamos conseguido angariar diversos apoios passíveis de ser enquadrados como co-participação nacional o “Entre Margens” ficou totalmente co-financiado;

- O primeiro ano foi um ano de descoberta, como construir e montar as exposições, como programar em simultâneo nas cidades parceiras, como descobrir as idiosincrasias do Douro e integra-las na nossa dinâmica de trabalho;

- O segundo ano foi sem dúvida nenhuma o mais difícil de programar devido às dificuldades financeiras mas mesmo assim conseguimos manter a qualidade artística sem prejudicar o projecto;

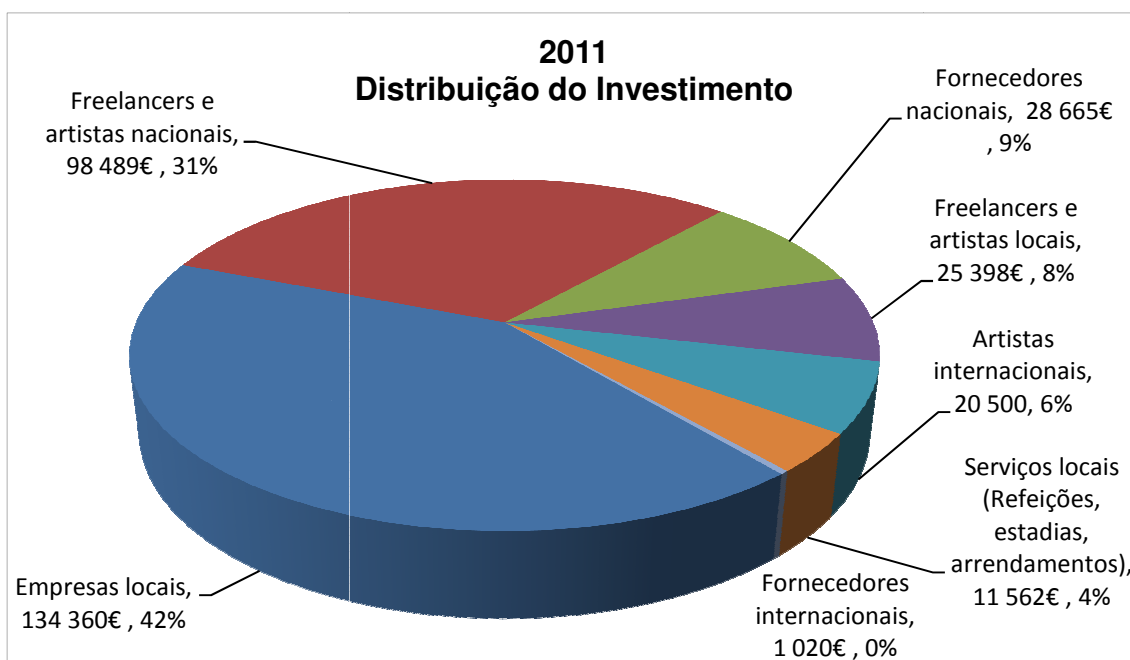
- O terceiro ano foi sem dúvida nenhuma mais fácil de programar do ponto de vista financeiro mas ao mesmo tempo, como era o último ano, o mais exigente em termos de carga de trabalho e responsabilidade perante os nossos parceiros. Os estandartes eram elevados, não queríamos desapontar o nosso público e sobretudo nós mesmos;

Os públicos da região acolheram bem as nossas propostas criativas (exposições e espectáculos), consideraram o projecto inovador e um factor de dinamização para as suas

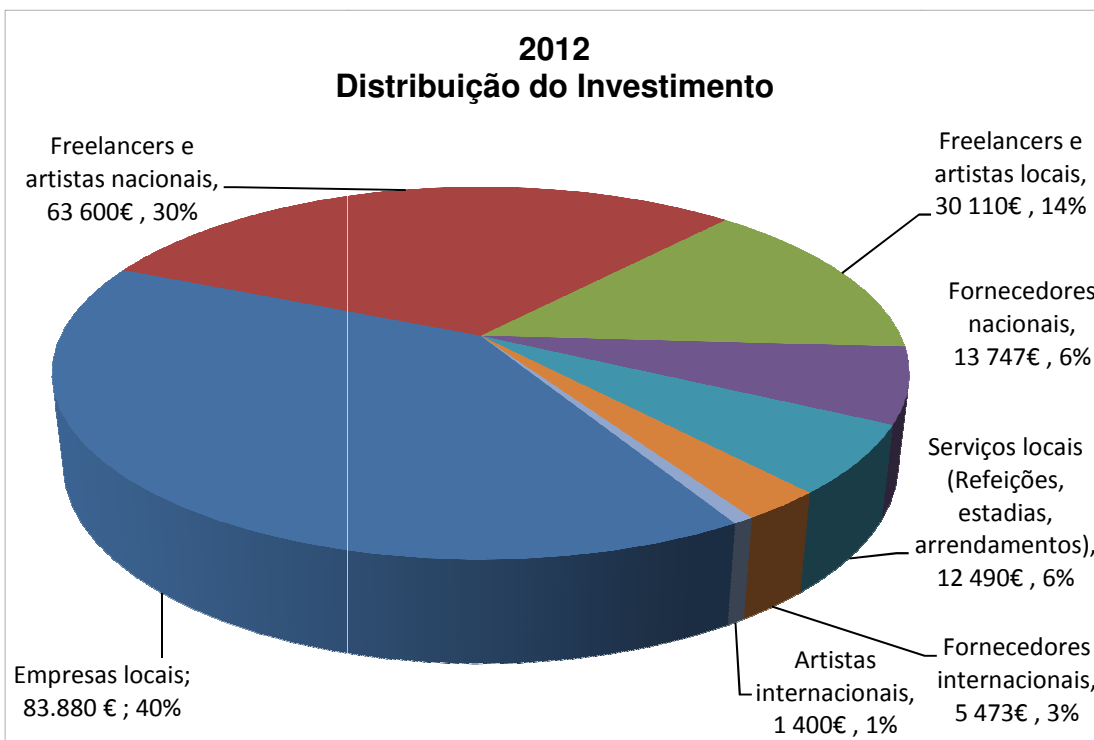
cidades e para o Douro em geral. Esta leitura positiva do impacto de projecto no território gerou uma grande satisfação, são como os aplausos no fim do espectáculo;

Os números de públicos deste projecto foram sempre altos e difíceis de contabilizar, visto que as exposições estavam “abertas” 24 horas por dia 7 dias por semana. Sabemos que o impacto real foi maior do que aquele que conseguimos contabilizar;

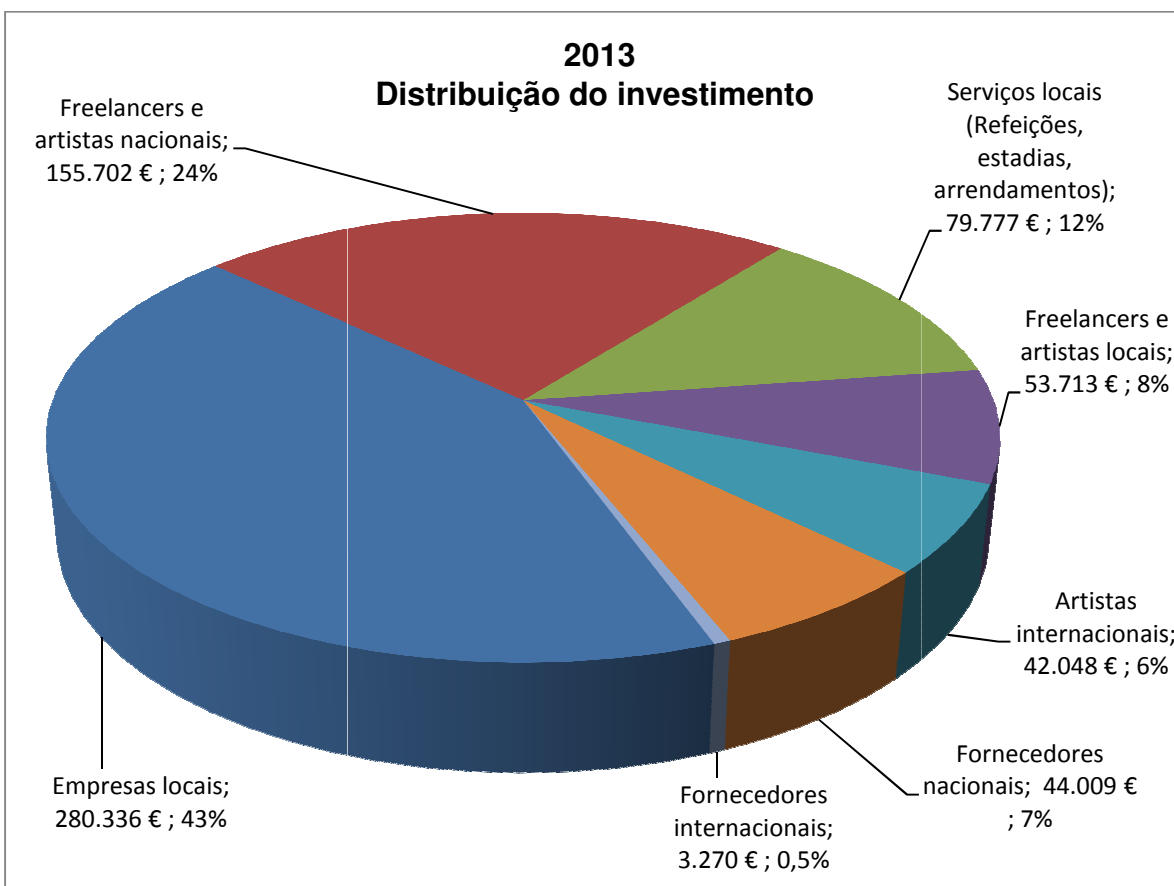
A dimensão e o impacto que este projecto só foi uma realidade porque havia um orçamento “decente” que nos permitiu concretizar com condições aquilo a que nos propusemos. Fosse este mais um projecto sub-financiado e muita coisa teria ficado por fazer.



Fonte:Procur.arte



Fonte:Procur.arte



Fonte:Procur.arte



20



21

20 Always Drinking Marching Band, Santa Marta de Penaguião, Julho 2011. Autor: João Pedro Marnoto

21 Exposição no Solar dos Magalhães, Amarante, Julho 2013. Autor: Eduardo Amaro

10 – Conclusão

Para concluir e enquadrar este projecto, gostaria de recorrer a uma fotografia, ou não fosse este um projecto de imagens.

É a foto que foi escolhida para ser a capa do catálogo/livro do “Entre Margens”, da autoria do Nelson D’Aires. Esta imagem congrega algumas das principais características deste projecto e do território onde foi desenvolvido. É uma fotografia com um preto e branco contrastado e duro (apuro estético). Retrata parte do braço de um trabalhador (as gentes do Douro), que segura uns pés de vinha nova (o vinho e a sua renovação), onde vemos as pedras que constroem os socialcos da vinha (a dureza do Douro), ao fundo, os montes (a beleza que se impõe) e no braço uma grande tatuagem “Gabriel” (contemporaneidade criativa e alternativa). Foi da mistura destes vários elementos e mais alguns que se fez o “Entre Margens”.

Um projecto com esta duração temporal, dimensão territorial e multifacetado ao nível das propostas de programação permite extrair várias conclusões e reflectir sobre a produção da “coisa cultural”.

É preciso saber sonhar. Sem a componente criativa, alguma loucura e uma boa dose de paixão não se consegue concretizar um projecto como este. Uma vez sonhado, temos que saber planear. É necessário ter pensamento abstracto que nos permite pensar no vazio, antever as dificuldades e encontrar respostas adequadas e eficientes para resolver estes problemas antes que eles se tornem uma realidade.

É fundamental encontrar as parcerias que nos permitem concretizar o sonho sonhado. Geralmente, estas parcerias não “caem do céu” e é preciso ir à procura da nossa sorte. Se o projecto for sincero e pertinente, há a possibilidade de despertar a curiosidade dos nossos interlocutores. Este é o primeiro passo para a sua concretização.

É preciso ter verticalidade nos nossos princípios morais e estéticos. O trabalho no terreno e a colaboração dos parceiros não deve descaracterizar o projecto inicial. Isto só é possível se a proposta inicial for coerente e sólida, caso contrário, muito facilmente nos desviaremos da rota traçada às primeiras dificuldades. Ser coerente com o que se quer realizar não quer dizer ser

inflexível. Estes projectos complexos só são possíveis com a incorporação dos diferentes *inputs* que nos chegam, através da nossa equipa, dos nossos parceiros, do público, etc.

É preciso ter uma visão transversal para saber manter, diplomaticamente, o rumo que nos parece mais correcto. Em caso de dúvida, não há nada como regressar ao projecto inicial e reflectir se o que escrevemos nesse primeiro momento ainda é coerente e faz sentido.

O segredo para a boa execução destes projectos é saber construir e manter uma equipa de trabalho profissional, empenhada, independente, crítica e eficiente. Sem uma equipa de suporte de qualidade, quem está à frente destes projectos sentirá sempre uma grande insegurança.

É necessário prever o que será relevante no futuro em termos artísticos. Esta possibilidade só se consegue com muito trabalho de campo, muita pesquisa, muita conversa e partilha com o que nos rodeia artisticamente. É preciso estar atento e ter a sensibilidade para antecipar tendências. Todos os fotógrafos que participaram no “Entre Margens” foram fantásticos, mas, neste aspecto da antecipação, posso referir alguns exemplos que consegui compilar:

António Pedrosa ganhou o prémio Hasselblad Masters na categoria Editorial;

Nelson D’Aires ganhou a bolsa Estação Imagem|Mora para 2012 com a proposta “Álbum de família”;

João Pedro Marnoto teve uma fotografia sua na capa do “International New York Times”;

Sérgio Rolando teve o projecto "Paisagem Multiplicada" seleccionado para os “Encontros da Imagem” e foi ainda escolhido para participar no projecto “Um Diário da República” da [Kameraphoto];

Attilio Fiumarella teve uma Menção Honrosa nos Novos Talentos Fnac Fotografia 2013 com o trabalho “Obras de misericórdia”;

Chloe Dewe Mathews está a preparar a sua primeira exposição na Tate Modern;

Brian Griffin teve uma grande exposição retrospectiva em Bolonha, no âmbito da Foto Industria 01, e recebeu a “Centenary Medal from the Royal Photographic Society”.

Ainda no domínio da imagem, o “Entre Margens” teve - pela sua duração; pela diversidade de pontos de vista envolvidos (43 fotógrafos); pela quantidade de material produzido (600

imagens); pela sua abrangência territorial (1.879 km²) – a capacidade de captar um momento específico, retratar um espaço, um sentir, durante um tempo determinado. Guardando as devidas diferenças um pouco à semelhança do projecto Farm Security Administration (FSA) produzido durante o New Deal nos Estados Unidos.

É preciso ser inovador, expor este trabalho fotográfico nas praças, ruas e jardins do Douro, com um envolvimento cenográfico único, criou uma sensação de novidade, de maravilhamento por parte do público. Assim, estava percorrido metade do difícil caminho que é conquistar os públicos para a cultura.

O “Entre Margens” teve ainda a mais-valia de representar a região fora do seu território de intervenção, levando o Douro além-fronteiras. Foi o que sucedeu em 2012, quando o projecto marcou presença na cidade de Bordéus e em 2013, em Lisboa.

É fundamental saber tecer uma teia de suporte no território, envolver os responsáveis das entidades na nossa dinâmica de trabalho em rede, partilhar com eles, de forma honesta e transparente, os nossos objectivos e necessidades. Esta interacção é essencial para pôr todos os elementos a trabalhar, em conjunto, para o bem comum. Se o projecto efectivamente for benéfico para este território partilhado, todos estarão interessados em colaborar. Esta conjugação de interesses é difícil de conseguir mas, em caso de sucesso, pode gerar uma co-responsabilização entre as diversas entidades da região que potencia, de forma positiva, o projecto e os seu beneficiário directo: o público.

A nível da rede de apoio, o “Entre Margens” contou com as parcerias activas e empenhadas das oito autarquias. O facto de contribuírem financeiramente gerou um maior envolvimento dos próprios parceiros e, em simultâneo, uma maior responsabilização. Envolver oito municípios, que não costumam trabalhar em conjunto, pode levantar problemas para o projecto, no entanto, o trabalho de gestão de sensibilidades, através da diplomacia, faz parte das funções de um produtor, sobretudo no Douro.

Há um aspecto que ainda não referi e que me parece ter sido fundamental para que as actividades programadas durante o “Entre Margens” tenham decorrido sempre de feição. Foi o brio ou a paixão que cada membro da equipa da Procur.arte colocou em tudo o que

produzimos. O profissionalismo é essencial, ter condições objectivas também, a sorte ajuda sempre, mas o brio e a paixão que todos pusemos nas nossas produções certamente que marcará a nossa passagem pelo Douro.

Os frutos gerados por todo este processo criativo, participativo e inclusivo vão perdurar ao longo dos anos. O que importa não são apenas os números imediatos de visitantes das exposições e espectadores dos espectáculos, mas sim o efeito desmultiplicador que este projecto poderá ter na região, junto dos seus agentes activos (sociais, económicos e culturais) e das suas gentes.

Uma vez concluída esta viagem duriense, há mais estrada a percorrer. É esta a natureza dos projectos/espectáculos, o pano baixa e logo se começa a pensar em novos projectos para fazer o pano subir e acender as luzes outra vez.

Há vontade de trabalhar com novos parceiros “conquistados” durante o “Entre Margens” e desenvolver novos projectos em outras regiões de Portugal e da Europa. A forma de trabalhar e envolver os outros foi uma característica positiva que percorreu todo este projecto e há mais quem queira partilhar connosco esta opção metodológica.

O “Entre Margens” ficará na memória como uma aventura pelo Douro contada em imagens, que legamos para a história visual de Portugal. Tal como escreveu Miguel Torga, o Douro “deixa na paisagem calcinada / a imagem desenhada dum verso de frescura penitente”. O “Entre Margens” deixa o olhar contemporâneo que quebra a métrica e os espartilhos do postal ilustrado.

Nuno Ricou Salgado



22



23

22 Catálogo/Livro Entre Margens, Peso da Régua, Setembro 2013. Autor: Eduardo Amaro

23 Concerto Roda de Choro, Peso da Régua, Setembro 2013. Autor: Eduardo Amaro

Bibliografia

- ANDRADE, S. C., 2014. Portofolio O Douro deles. *Público*, Volume Revista 2, p. 22.
- CHIODETTO, E., 2013. *Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição*. São Paulo: Prata Design Gráfico.
- Fundação Museu do Douro, Procur.arte, autores, 2013. *Entre Margens - Em busca de uma nova cartografia de imagens para o Douro*. 1ª ed. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro.
- LANDRY, C., 2008. *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. 2ª Edição ed. London: Earthscan.
- Rockefeller Panel Report, 1965. *The Performing Arts: Problems and Prospects: Rockefeller Panel Report on the Future of Theatre, Dance and Music in America*. 1ª ed. Nova Iorque: McGraw Hill.
- TORGA, M., 2011. *Diário Volumes IX a XII*. Douro: Dom Quixote.

Bibliografia de referência

- SCHATZ, T., 1991. *O Génio do Sistema*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Tom Fleming; Opium; Horwath Parsus; Gestluz; Comedia, 2008. *Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte*, Porto: Fundação Serralves.
- OLIVEIRA, L. F., BERNARDES, J. P. & TAVARES, M., 2011. *Cutura em Conferência*. Faro: Universidade do Algarve, Direcção Regional de Cultura do Algarve.
- KOTLER, P. & SCHEFF, J., 1997. *Standing Room Only*. Boston: Harvard Business School Press.
- FLORIDA, R., 2011. *A Ascensão da Classe Criativa*. 1ª ed. Porto Alegre - Brasil: L&PM Editores.
- CARLZON, J., 2006. *A Hora H*. Lisboa: Lua de Papel.
- [Kamerapphoto], Colectivo de fotógrafos, 2011. *DR - "Diário da República"*. Lisboa: [Kamerapphoto], Colectivo de fotógrafos.
- ALBERONI, F., 2002. *Saber Decidir*. Lisboa: Editora Bertrand.
- COLOMER, J., 2006. *La Gestión de las Artes Escénicas en Tiempos Difíciles*. Barcelona: Gescénic - Bissap.
- CURVELO, R., 2009. *Marketing das Artes em Directo*. s.l.:Quimera.
- FINKELPEARL, T., 2001. *Dialogues in Public Art*. Massachusetts: MIT Press.

ANEXOS

“Entre Margens” 2011 - Relatório de Actividades

“Entre Margens” 2012 - Relatório de Actividades

“Entre Margens” 2012 - Relatório de Comunicação

“Entre Margens” 2012 – Clipping

“Entre Margens” 2013 - Relatório de Actividades

“Entre Margens” 2013 - Relatório de Comunicação

“Entre Margens” 2013 - Clipping

“Entre Margens” 2013 - Relatório sobre os Inquéritos ao Público

Livro: Entre Margens - Em busca de uma nova cartografia de imagens para o Douro

Documentários:

“Entre Margens” – O Rio
Realização: Eduardo Amaro

“Entre Margens” – O Vinho
Realização: Eduardo Amaro

“Entre Margens” – A Imagem
Realização: Eduardo Amaro